



“VIVER É A MEMÓRIA DE MIM”

Assembleia Internacional de Responsáveis
de Comunhão e Libertação

LA THUILE, 28 DE AGOSTO A
1º DE SETEMBRO DE 2010

PASSOS

Na capa: Giovanni Serodine, *Ceia de Emaús*, século XVII, San Pietro, Ascona © 2010.
Andrea Jemolo/Scala, Florença.

Sobre a frase da capa, vide: Giussani, L. *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*.

Milão: Bur, 2010, p. 43, e, aqui, p. 38.

© 2010. Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de J. Carrón

28 de agosto de 2010, sábado à noite

Todo o esforço que fizemos para chegar até aqui esta noite – muitos vindo de tão longe – expressa a natureza da nossa necessidade, da nossa exigência. Não seria razoável fazer este sacrifício, se não fosse pela promessa de encontrar aqui algo que possa nos fazer voltar para casa diferentes. No entanto, podemos ter feito todo esse esforço e estar ainda inconscientes e adormecidos. Por isso, a primeira expressão da consciência da nossa pobreza e da nossa decadência é gritar ao Espírito que nos faça conscientes de toda a nossa necessidade, para nos tornar disponíveis ao que Ele quiser doar-nos como resposta nestes dias.

Oh, vinde, Espírito Criador

Nós nos encontramos nesta nossa Assembleia Internacional de Responsáveis num contexto cultural que nos Exercícios da Fraternidade descrevemos usando a frase de Charles Péguy: “Um mundo [...], depois de Jesus, sem Jesus”¹.

Todo o contexto eclesial é dominado por uma palavra que o Papa repete há meses, e que nós não podemos esquecer neste momento em que nos reunimos, que é a palavra “conversão”. Ele nos disse, quando estivemos na praça de São Pedro: “O verdadeiro inimigo que se deve temer e combater é o pecado, o mal espiritual, que por vezes, infelizmente, contagia também os membros da Igreja. Vivemos no mundo, diz o Senhor, mas não somos do mundo (cf. Jo 17,10.14). Nós, cristãos, não tememos o mundo, ainda que tenhamos de nos preservar das suas seduções. Ao contrário, devemos temer o pecado e por isto estar fortemente radicados em Deus, solidários no bem, no amor, no serviço. Foi o que a Igreja, os seus ministros, juntamente com os fiéis, fizeram e continuam a fazer com fervoroso compromisso pelo bem

1 Péguy, C. *Lui è qui*. Milão: Bur, 1997, p. 126.

espiritual e material das pessoas em todas as partes do mundo. É o que sobretudo vós procurais fazer habitualmente nas paróquias, nas associações e nos movimentos: servir a Deus e ao homem em nome de Cristo. Prossigamos juntos com confiança este caminho, e que as provas, que o Senhor permite, nos estimulem a maiores radicalidade e coerência. É belo ver hoje esta multidão na Praça de São Pedro, como foi emocionante para mim ver em Fátima a imensa multidão que, na escola de Maria, rezou pela conversão dos corações. Renovo hoje este apelo, confortado pela vossa presença tão numerosa! Obrigado! Mais uma vez, obrigado a todos vós!”²

O que o Papa dirigiu a todos nós, que estávamos ali presentes, é um chamado à conversão neste preciso contexto cultural e eclesial; porque nós também – como ele diz sempre – sofremos a influência dessa situação. Sem a conversão, portanto, nós também colaboramos para criar um mundo, depois de Jesus, sem Jesus. Quem de nós não se sente interpelado por esse chamado de atenção do Papa?

Quando eu preparava os Exercícios do Grupo Adulto de agosto, pensando nessas coisas, foi parar nas minhas mãos o texto de uma palestra de Dom Giussani intitulada “Todas as coisas: Mistério e sinal”, em que ele nos diz algo que é semelhante a esse chamado de atenção feito pelo Papa: “No Grupo Adulto [na Fraternidade, no Movimento], vocês também podem vê-lo amplamente, não há ninguém que negue a Deus (pois, caso contrário, não poderia aderir!), mas há pessoas entorpecidas, como que impregnadas pelo sono, ou superficiais, que não têm o espírito tocado pelo pensamento do sentido da vida e pelo reconhecimento de que todas as coisas que lhe acontecem são um convite ao relacionamento com o Mistério”³. Quem é que pode não sentir essas coisas dirigidas a si mesmo? De certa forma, nós participamos desse sono e não sentimos o espírito sacudido pelo pensamento do sentido da vida, por essa urgência. A sonolência, a superficialidade com que muitas vezes vivemos – que é o efeito da influência dessa situação cultural e social sobre nós, e que, por isso mesmo, nós também colaboramos para gerar – é o que nos permite

2 Bento XVI. *Regina Caeli* de 16 de maio de 2010.

3 Giussani, L. Todas as coisas: Mistério e sinal. *Litterae Communione*, nº 70, julho-agosto de 1999, p. 23.

entender que a conversão não é uma coisa para os outros, não é um chamado de atenção feito aos outros, é uma urgência em primeiro lugar para nós mesmos. Eu, pelo menos, sinto-o assim para mim.

E Dom Giussani continua com esta indicação: “Vocês têm de ter iniciativa, têm de tomar a iniciativa para que a sua vida seja relação com Deus. Caso contrário, ficamos entorpecidos ou superficiais, pois deixamos perder-se essa questão, como se, estando ali ‘em casa’ [estando ali na Fraternidade, estando ali no Movimento], já estivesse tudo bem conosco. Tudo bem uma ova! Se a casa [ou a Fraternidade, ou a comunidade, ou o grupinho de amigos] não se tornar o início do seu dia, um estímulo para o seu dia, vocês não vão ter mais nenhuma outra passagem ou relacionamento que os centre no fato de que a vida do homem é relação com o Mistério. Só se ouve dizer que o problema é este aqui quando há algo de excepcional, quando nos acontece algo excepcional. Em vez de ‘Deus’, coloquemos a palavra ‘vocaçãõ’. Nós vivemos os dias sem ter adquirido uma nova consciência, sem refazer a consciência da nossa vocação [de termos sido escolhidos, do dom que recebemos]”⁴. Essa é a grande caridade de Dom Giussani, que nos ajuda a identificar qual é o nosso problema: “Hoje o mundo inteiro jogou no imenso fosso da miséria tudo o que os homens receberam de quem os precedeu. Por isso os nossos problemas são estreitos, não totalizantes, são isolados. Hoje quero lhes pedir que façam um esforço de rezar ao Espírito e a Nossa Senhora – *Veni Sancte Spiritus, veni per Mariam* –, para que cheguem a compreender, para além das palavras que estou dizendo, o nexó que existe entre Deus, o Mistério, e a nossa vida: o problema dos problemas é esse!”⁵ O simples fato de ouvir essas palavras nos faz entender o quanto estamos distraídos. Se pensarmos, no nosso dia, em qual é o problema dos problemas, naquilo que nos ocupa mais, em qual é a preocupação dominante com que nos vemos... Será que esse é o problema dos problemas para cada um de nós?

Diante dessa situação do mundo e da Igreja, dos quais somos parte, a nossa única estratégia – diz o Papa – é a conversão. E o primeiro

4 Id., *ibid.*

5 Id., *ibid.*

sinal de que precisamos dela é que a simples menção da palavra “conversão” já nos põe na defensiva (vejam a reação que vocês têm). Esse é o sinal mais evidente do quanto precisamos nos converter. Vemos acontecer em nós mesmos aquilo para que muitas vezes chamaram a nossa atenção: “Não há ideal ao qual nos possamos sacrificar, pois conhecemos as mentiras de todos, nós, que não sabemos o que é a verdade”⁶. Para estarmos disponíveis à conversão, é preciso haver algo tão verdadeiro, tão fascinante, tão atraente, que torne desejável esse sacrifício.

Assim, a nossa disponibilidade à conversão julga se conhecemos realmente a verdade, se temos algo tão caro que possamos estar disponíveis até ao sacrifício. Por isso, a primeira coisa em que devemos nos ajudar é a conhecer essa verdade (que permite que não nos defendamos desde o início da palavra “conversão”), porque essa verdade é tão atraente, tão fascinante, que não queremos perdê-la. E qual é a verdade? “Diz Deus, através da voz do profeta que em Cristo se realiza (pensem nas pessoas que estavam com aquele homem, junto àquele jovem homem que fazia essas coisas): ‘Eu te amei com um amor eterno, por isso te atraí para mim (isto é, tornei-te partícipe da minha natureza), tendo piedade do teu nada’⁷. Não existe coisa mais original, mais imediata que esse amor que está no início de tudo o que existe, e que, por conseguinte, é a verdade primeira de tudo o que somos e de tudo o que existe, e essa é a primeira coisa para a qual devemos olhar, que devemos nos ajudar a olhar nestes dias para não nos defendermos da palavra “conversão”.

Vou ler a vocês uma passagem de uma das cartas que Dom Giusani escreveu a seu amigo Angelo Majo, que é realmente um conforto, pois pode abraçar qualquer situação em que cada um de nós, aqui, possa estar mergulhado agora: “Eu não sou capaz, nesta noite escura e de ventania, prenúncio do inverno, de responder ao preciso estado de espírito com que você me escreveu. Estou cansado demais [nesse cansaço está todo o mal-estar que cada um de nós pode sentir]. Mas

6 Malraux, A. *La Tentation de l'Occident*. Paris: Bernard Grasset, 1926, p. 216 (“Il n'est pas d'idéal auquel nous puissions nous sacrifier, car de tous nous connaissons les mensonges, nous qui ne savons point ce qu'est la vérité”).

7 Giussani, L. *É possível viver assim?* 2ª ed. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2008, p. 274.

eu sinto apenas – e a minha fidelidade aos amigos mais queridos é um símbolo experimental disso – que a substância da vida, das aspirações, da felicidade, é o amor. Um amor infinito, enorme, que se curvou sobre o meu nada, extraiu dele um ser humano [gerou-me], que como corpo é um grão de poeira, mas é ilimitado na abertura ávida de verdade e de amor que são sua inteligência e seu coração. Um Amor infinito, enorme, que realizou o absurdo de me tornar – a mim, que sou um grão de poeira finito, enquanto ser criado – infinito como Ele”⁸. Ele tinha vinte e três anos quando dizia essas coisas!

Seja qual for o nosso estado de espírito, seja qual for o mal-estar que sentimos, a dificuldade que estejamos atravessando, a percepção que tenhamos de nós mesmos, nada pode deter esse Amor infinito, enorme, que se curvou sobre o meu nada. Amigos, a conversão é isto: deixar entrar – nesta situação, neste mal-estar, neste momento em que me encontro, neste cansaço – esse Amor infinito que se curvou sobre o meu nada. Nada pode impedir o fato de que agora, nesta situação, existe Alguém com um amor eterno, imenso, que se curva sobre o seu nada, sobre o meu nada, para nos dar o ser.

“Como é impressionante pensar na infinita distância que Deus superou em relação ao nosso nada! ‘Eu te amei com um amor eterno’, diz a Bíblia, ‘te atraí para mim, te acolhi tendo piedade do teu nada’. Não há diferença maior do que aquela que existe entre o ser e o nada! Eu creio que este seja um aspecto da consciência que deve ser reavivado sempre.”⁹ Esta é a iniciativa que Dom Giussani nos sugere: devemos tomar a iniciativa, pois essa consciência deve ser reavivada sempre, se não a quisermos perder e passar a nos defender. Mas, como vimos no trabalho deste ano, apesar de tudo vivemos muitas vezes distraídos, sonolentos. “E depois, quando o homem menos esperava, não podia sequer sonhar com isso, não esperava mais, não pensava mais n’Aquele do qual tinha recebido o ser, ele reentra na vida do homem para salvá-la, doa-se novamente morrendo pelo homem. Doa-se totalmente, dom de si total, até: ‘Ninguém ama tanto os

8 Giussani, L. *Lettere di fede e di amicizia ad Angelo Majo*. Cinisello Balsamo, MI: San Paolo, 2007, pp. 51-52.

9 Cf. Giussani, L. *O milagre da hospitalidade*. São Paulo: Cia. Ilimitada, 2006, p.15.

amigos como quem dá a vida pelos amigos. Dom total. Mas aqui há uma última nuance [para que nenhum de nós possa ser excluído desse dom total]: aquilo que Cristo nos dá morrendo por nós – morrendo porque o traímos – para nos purificar da traição [não deixando de fora nada do que nós somos, nada do que nos assusta, nada do que nos envergonha, nada do que não conseguimos nem sequer olhar], aquilo que nos dá é maior do que o que mereceríamos. [...] Para entender o que é a traição, temos de pensar na nossa distração, porque é uma traição passar os dias, as semanas, os meses... olhem para ontem à noite, quando pensamos n'Ele? Quando pensamos n'Ele seriamente, com coração, no último mês, nos últimos três meses, de outubro até agora? Nunca. Não pensamos nunca n'Ele como João e André pensavam enquanto o ouviam falar. Se fizemos perguntas sobre Ele [quantas vezes fazemos perguntas!] foi por curiosidade, análise, exigência de análise, de busca, de esclarecimento. Mas que tenhamos pensado n'Ele como alguém realmente apaixonado pensa na pessoa pela qual se apaixonou (mesmo aqui rarissimamente acontece, pois tudo é calculado com base no retorno!), puramente, de modo absolutamente, totalmente distanciado, como puro desejo de bem...¹⁰

Quando tocamos com as nossas próprias mãos um testemunho como esse, entendemos realmente a que somos chamados, o que é a conversão e quão grande é a nossa distração, pois, se não chega Alguém que tem piedade até mesmo desta nossa traição, desta nossa distração, e que se impõe com uma evidência e uma atração poderosas, nós não pensamos n'Ele da mesma forma como André e João pensavam n'Ele quando o ouviam falar.

Esta é a verdade. A verdade não é algo abstrato, é esse Amor que se dobrou sobre o nosso nada, até sobre a nossa traição. Mas nós, ao reduzir a verdade a um conhecimento abstrato qualquer, inevitavelmente reduzimos depois a conversão a um moralismo, a uma coisa que nós é que devemos gerar, que nós é que devemos fazer. Ao contrário, a verdade é esta comoção pelo nosso nada. Por isso, só se deixamos entrar Alguém que se curvou sobre nós, só sob a pressão dessa comoção que nos provoca, é que podemos deixar de nos de-

10 Giussani, *É possível viver assim?*, cit., p. 272-274.

fender da necessidade de pertencer a Ele, ou seja, estar disponíveis a essa iniciativa. É isso que devemos pedir, pois a origem dessa iniciativa é uma simpatia gerada por Ele. Vejam agora o que Giussani diz: “É como se, mesmo com este ímpeto de simpatia ou de crédito – justo, fundamental, e por isso esta segunda observação que estou fazendo, sobre essa inadequação, embora seja desagradável, não deve dar medo, pois é a indicação de um caminho, não uma objeção –, é como se permanecêssemos fundamentalmente inadequados a essa simpatia. Não podemos carregar por muito tempo, não é possível tolerar por muito tempo essa inadequação se não trabalharmos sobre ela, pois, sem esse trabalho, até a simpatia desaparece”¹¹. Essa iniciativa não é um acréscimo, não é algo opcional: se não tomamos a iniciativa, se não respondemos a essa iniciativa no momento em que a simpatia despertou outra vez, a simpatia desaparece! E Dom Giussani insiste: “Para esta luta cotidiana contra a lógica do poder, para esta vitória cotidiana sobre o aparente e o efêmero, para afirmar essa presença constitutiva das coisas em seu destino, que é Cristo, que movimento pessoal é necessário!”¹²

Que movimento pessoal! Nós não estamos aqui “tranquilos” e tudo bem. Estamos juntos por isso, amigos, para nos ajudar, para nos sustentar diante dessa simpatia, para nos sustentar nesse movimento pessoal, senão não somos amigos. É preciso haver essa comoção que gere esse movimento pessoal e que encontre em nós essa disponibilidade. Esta é a nossa responsabilidade: converter o eu ao Acontecimento presente, ou seja, a esse Amor que se curvou sobre mim, que me abraça até na minha traição. Então, também para a conversão vale a regra que Dom Giussani sempre nos ensinou: “É essa passividade que constitui a minha atividade originária, a de receber, constatar, reconhecer”¹³. Trata-se de acolher conscientemente o amor de Alguém que se curvou sobre o meu nada e se curva agora sobre o meu estado de espírito, sobre a minha traição, qualquer que seja a situação em que cheguei aqui e em que me encontro.

11 Giussani, L. *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*. Milano: BUR, 2010, p. 42.

12 Id., *ibid.*, p. 194.

13 Giussani, L. *O senso religioso*. Brasília: Universa, 2009, p. 157.

Se é assim, dá para entender agora que ceder a esse abraço, que ceder a esse inclinar-se do Mistério sobre o meu nada não é tão difícil. Nós não precisamos nos defender, aliás, fica difícil resistir. Como escrevi aos amigos que acabaram de participar da peregrinação a Czestochowa, a conversão é procurar responder à preferência que o Mistério tem por nós. E, se nós respondemos, se nós nos ajudamos nisso e nos sustentamos nestes dias, podemos contribuir para a renovação da Igreja e para o bem do mundo.

TESTEMUNHO

29 de agosto de 2010, domingo à tarde

MARTA CARTABIA*

1. “UM MUNDO, DEPOIS DE JESUS, SEM JESUS”

Ter a oportunidade de morar – como foi o meu caso e o da minha família, nesse ano que passou – no coração de Nova York é como entrar neste mundo moderno depois de Cristo, sem Cristo, descrito por Péguy no trecho que nos foi lido nos Exercícios da Fraternidade. É claro que o Ocidente inteiro cabe nessa descrição, mas, enquanto a Europa parece ainda um terreno de luta pelo desmantelamento da civilização cristã, que ainda resiste, a coisa mais impressionante em Nova York é que o projeto já parece realizado. Como diz Péguy, eles conseguiram. Eu seria tentada a acrescentar que conseguiram e muito bem. Gostaria de partir desse “conseguiram”, pois, do ponto de vista da experiência, é justamente essa a primeira impressão que temos ao chegar lá: ficamos ofuscados pelo sucesso.

Eles conseguiram: Nova York é uma cidade maravilhosa, conta com uma bela natureza, uma maravilhosa obra do homem, tudo funciona e lá, inexplicavelmente, milhões de pessoas de todas as raças conseguem conviver, falando mais de sessenta línguas diferentes – devo confessar que eu mesma, com toda a minha família, fui conquistada de imediato. Talvez o segredo desse sucesso – ao menos foi o que pareceu aos meus olhos de hóspede, de habitante por um ano – é que cada aspecto da vida é tratado com enorme profissionalismo: o “deus trabalho” dá seus frutos. Tudo isso tem grandes vantagens: as pessoas vivem bem, perdem menos tempo com a organização da vida, tudo é muito cuidado, etc. Com um pequeno detalhe, que eu gostaria de descrever a partir de um episódio da minha vida na universidade. O nível das universidades americanas é excelente, e era inevitável que eu me entusiasmasse com tudo, sobretudo nos primeiros meses. Eu me impressionava, principalmente, com o fato

* Professora de Direito Constitucional na Universidade dos Estudos de Milão-Bicocca.

de haver tanto espaço e tanta atenção à dimensão comunitária da vida dos professores e dos alunos – uma coisa que quase não existe na Itália. A New York University, onde eu trabalhava, parecia um paraíso: colegas de altíssimo nível, grande cordialidade e várias possibilidades para compartilhar o trabalho, escritórios maravilhosos, cheios de obras de arte nas paredes e música clássica tocando o dia inteiro. No entanto, com o passar do tempo, era cada vez mais frequente que eu ouvisse meus colegas reclamarem de um certo cansaço: “Tenho saudade de casa”, eles me diziam, “aqui eu me sinto sozinho e miserável”. Miserável. É impressionante: nem Nova York basta para o coração do homem.

Depois de Jesus, sem Jesus: o outro fato que a gente logo nota quando chega a Manhattan é a clara separação entre a vida pública e profissional e a dimensão religiosa.

Sobre esse ponto, é preciso dar uma explicação, pois a realidade americana é complexa. Para dizer a verdade, os americanos são muito religiosos, provavelmente muito mais religiosos do que nós, europeus, e lá existem também muitos “católicos praticantes”. Entre os vários sinais desse fato, sempre me impressionou que a missa dos estudantes da minha universidade, aos domingos, estivesse sempre lotada, com várias centenas de jovens. Mas não dava para ver nenhum vestígio de todos aqueles jovens na vida acadêmica normal. Embora a instituição tenha uma grande atenção e boa disposição para com as associações de alunos, especialmente as que têm base religiosa, num ano inteiro não vi nada que evidenciasse a presença de todas aquelas centenas de jovens católicos que lotavam a missa de domingo, nem um só juízo público, nem um só sinal em que pudessem ser reconhecidos.

“Sem Cristo”, então, não significa que falta a dimensão religiosa na vida das pessoas, mas, pelo que eu pude ver, é uma religiosidade invisível e sem nenhuma incidência.

Um dia, lendo para o meu trabalho, eu me deparei com esta descrição de Ernest Fortin, que achei particularmente pertinente à situação: “Faz tempo que Nietzsche nos advertiu de que *a morte de Deus* é perfeitamente compatível com uma ‘*religiosidade burguesa*’ [...]. Ele não pensou nem por um momento que a religião tivesse acabado. O que ele punha em discussão é a capacidade da religião de mover a pessoa a

abrir sua mente [...]. A religião tornou-se um produto de consumo, uma forma de entretenimento como qualquer outra, uma fonte de conforto para os fracos [...] ou uma central de serviços sentimentais, destinada a aplacar uma série de necessidades irracionais que a religião é capaz de satisfazer melhor que qualquer outra coisa. Por mais que possa soar unilateral, o diagnóstico de Nietzsche acertou em cheio”¹⁴.

Isso descrevia claramente o que estava bem na minha frente, ou seja, que uma sociedade sem Cristo é essencialmente uma sociedade que, sem que nos demos conta, atrofia a nossa relação com Cristo, torna-o mudo e sem nenhuma incidência sobre a nossa vida pessoal e social, o reduz a momentos de religiosidade emotivos ou sentimentais, ou, pior ainda, a esquemas comportamentais.

O aspecto talvez mais surpreendente é que tudo isso acontece na pátria da liberdade religiosa: sobre isso, a Constituição americana é um modelo para todos, como o Papa mais de uma vez chamou a atenção. Nada nem ninguém proíbe as expressões públicas de religiosidade de cada um, nenhuma lei, nenhuma norma. Portanto, o que leva a essa situação não é uma perseguição, mas, sim, um conformismo. Ninguém proíbe, mas ninguém ousa viver plenamente sua dimensão religiosa como forma da vida inteira. É exatamente o que dizia Soljenítsin em seu famoso discurso em Harvard, em 1978: nos países totalitários, padece-se de uma absoluta falta de liberdade; já nos países ocidentais a liberdade existe e é incentivada ao máximo, mas, se olharmos atentamente, descobriremos que expressa sempre “orientações uniformes, na mesma direção (a do vento do século), juízos mantidos dentro de determinados limites aceitos por todos, e talvez até de interesses corporativos comuns, e tudo isso tem por resultado não a concorrência, mas uma certa unificação”¹⁵. No Ocidente, a sociedade é uma sociedade sem Cristo, não tanto por falta de liberdade formal, jurídica ou política, mas por um estranho conformismo que encontramos em nós mesmos, em consequência do

14 Fortin, E. L. The Regime of Separatism: Theoretical Considerations on the Separation of Church and State. In: *Human Rights, Virtue, and the Common Good*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield Publishers, 1996, p. 8 (grifos nossos).

15 Soljenítsin, A. Un mondo in frantumi. Texto integral do discurso de Harvard. Suplemento de *CL-Litterae Communionis*, nº 10, 1978, p. 8.

qual a vida é governada pela mentalidade dominante do ambiente em que estamos.

2. O PODER E A REDUÇÃO DA NOSSA HUMANIDADE

Tendo esse contexto em mente, em agosto fiquei profundamente impressionada ao reler as palestras de Dom Giussani aos responsáveis dos universitários reunidas no livro *L'io rinasce in un incontro*¹⁶, com aquela preocupação recorrente em todos os textos, sobretudo a partir de *Chernobyl*, preocupação com o quanto a nossa humanidade está exposta às radiações venenosas do poder e da mentalidade dominante. Giussani via no “poder” ou na “mentalidade dominante” – os dois termos são usados quase sempre de modo intercambiável – uma séria e grave ameaça à nossa pessoa, à nossa experiência e, mais profundamente, à nossa relação com Cristo: “O poder não pode impedir o despertar do encontro, mas procura impedir que se torne história”¹⁷, ou seja, age sobre a sua capacidade de resistência no tempo, sobre a sua duração, sobre o nosso “permanecer”.

De que modo? Devo dizer que este foi o choque mais forte que recebi, pois descobri uma coisa muito diferente do que eu pensava sobre isso.

Vou tentar me explicar assim: considerando o clima cultural geral, a civilização depois de Cristo sem Cristo em que vivemos, que odeia a Cristandade de um modo tão evidente, eu, como muitos de nós, acredito, tinha na cabeça uma imagem do poder como algo externo a nós, substancialmente algo que nos persegue. Talvez até pelo meu tipo de trabalho, sempre pensei que estamos atravessando um período de luta, sendo incompreendidos pela mentalidade “liberal” ou “radical” da maioria. Sempre interpretei essa ameaça do poder, de um modo apressado e superficial, como se fosse, digamos, uma “perseguição”: cheguei a pensar muitas vezes que pertencia a algo “diferente” do resto do mundo, e que, por isso, era atacada e de vez em quando até prejudicada. Entre nós, várias vezes repetimos que somos irredutíveis à lógica da mentalidade comum e dos vários potentados culturais, intelectuais, econômicos, políticos. Simplificando, e talvez até enfatizando um

¹⁶ Giussani, L. *L'io rinasce...*, cit.

¹⁷ Id., *ibid.*, p. 247.

pouco mais, eu diria que em muitas ocasiões a nossa relação com “o poder” tem sido entendida assim: o mundo, a sociedade, a política são nossos inimigos, porque são o poder e nos querem destruir.

Essa atitude provavelmente atinge uma parte da verdade, mas o que eu achei mais interessante quando li *L'io rinasce in un incontro* é que nessas palestras Giussani tem uma outra preocupação principal, se não entendi mal: para ele, o poder enfraquece a nossa fé, diminuindo a estatura humana de cada um de nós. Ele descreve o poder como algo que penetra em nós mesmos, e assim deixamos de desejar de acordo com a grandeza da nossa humanidade e começamos a correr atrás do dinheiro, do sucesso e do poder, dentro e fora do Movimento. Como todo o mundo.

Como é que isso acontece?

Giussani diz isso de um modo muito claro: reduzindo o nosso desejo. O poder reduz os desejos, aproveitando-se da nossa inclinação natural para a “fragilidade afetiva” e a “distração”. E, quando o desejo é reduzido, atrofiado, entorpecido, vamos atrás de qualquer *ídolo*.

Todas as eras e todos os povos têm seus ídolos: trabalho, carreira, dinheiro, sucesso afetivo, poder político ou de qualquer natureza. De uma forma ou de outra, reaparece em nós e nos domina imperceptivelmente uma posição humana segundo a qual *nós consistimos naquilo que fazemos*, estamos abarrotados de nós mesmos. É o oposto do Tu que domina, de que nos falavam nos Exercícios da Fraternidade: “Essa vitória do poder busca o seu espaço no nosso cotidiano [...] arrastando consigo a nossa fragilidade diante do cotidiano. [...] Por isso, lembremo-nos sempre de que, no cotidiano, ou nós servimos ao poder ou a um Outro com ‘O’ maiúsculo, ou servimos ao poder ou ao Mistério que passa pelos nossos braços”¹⁸.

Assim, o poder nos ataca, não tanto (ou não somente) porque tende a nos eliminar da história (ou talvez também por isso), mas sobretudo porque nos assimila a si.

Por isso, como Carrón dizia na introdução, nós também podemos contribuir para o desenvolvimento desta civilização, depois de Cristo, sem Cristo. Nós também podemos, sem nos dar conta, encontrar em

18 Id., *ibid.*, p. 193-194.

nós a mesma lógica do poder, por mais que continuemos a fazer as coisas do Movimento e da Igreja. O que mais me impressiona é que mesmo as nossas iniciativas – que na origem têm uma intenção genuína, uma vontade sincera de responder a uma exigência, ou, melhor ainda, a um Outro que chama por intermédio da realidade – estão sempre expostas ao risco de se tornarem o nosso brinquedo, o nosso ídolo, aquilo em que depositamos a nossa consistência como pessoas. E isso fica claro pela maneira como as “administramos”: as iniciativas se transformam num ativismo, numa ação agitada, como se nos faltasse a consciência de que um Outro age realmente na história; no fundo, no fundo, nós nos medimos como todo o mundo, com base no sucesso; cedemos a uma autocomplacência repugnante; não toleramos facilmente a correção; tornamo-nos ideológicos e polêmicos, e, assim, as iniciativas, em vez de serem uma oportunidade de testemunho e presença, degeneram em fatores de divisão entre nós e em relação ao resto do mundo.

No meu modo de ver, Giussani quer chamar a nossa atenção para o fato de que o poder não é um risco apenas para “os outros”. O poder nos atrai, tremendamente. Estamos realmente expostos às suas seduções e, assim, podemos facilmente nos tornar uma das muitas facções: na política, no meio acadêmico, no mundo econômico, e assim por diante. Um dos muitos partidos (aliás, na atualidade, um partido facilmente derrotado). E assim perdemos o que temos de diferente.

Continuamos a combater um inimigo que pensamos estar fora de nós, quando na verdade ele já venceu o cerco e já tomou a nossa humanidade.

Lendo essas palestras, o que me pareceu possível entender é que o ponto mais delicado é que o poder nos seduz, levando-nos a desejar aquilo que nos pode oferecer e a duvidar de todo o resto. Estamos tão presos a nós mesmos, ao eterno problema da nossa afirmação pessoal, que nos tornamos inevitavelmente presa do poder e agimos em consequência disso. Ou domina um Tu, ou domina a lógica do poder.

Em certo sentido, essa inclinação não é nem uma novidade nem um motivo de escândalo: é parte da nossa condição humana. O ponto que me parece mais problemático é que talvez não sejamos leais o bastante com essa tendência que temos em nós mesmos e não a julgamos, não

a reconhecamos como inimiga da nossa humanidade. Talvez não tenhamos suficiente consciência do quanto estamos expostos às seduções do poder. Aliás, às vezes nos consideramos isentos dessa tentação, em virtude do encontro que fizemos e da experiência a que pertencemos. Nesse sentido, impressiona a insistência de Giussani, no livro, sobre o trabalho pessoal (para o qual Carrón também nos chamava a atenção na introdução dos Exercícios); para descrever esse trabalho, Giussani chega mesmo a usar muitas vezes a imagem da luta, da guerra, da batalha¹⁹: “Para esta luta cotidiana contra a lógica do poder, para esta vitória cotidiana sobre o aparente e o efêmero, para afirmar essa presença constitutiva das coisas em seu destino, que é Cristo, que movimento pessoal é necessário! É a desforra da pessoa sobre a alienação do poder. Que movimento pessoal!”²⁰ Esse trabalho diário para nos libertarmos dos esquemas mentais do poder – diz mais adiante – é uma verdadeira mudança de mentalidade, uma *metanoia*²¹.

3. “O PODER DOS SEM PODER”

Para mim, entender em que plano Dom Giussani faz esse chamado de atenção a respeito da influência da mentalidade dominante e do poder corrige a nossa – a minha, com certeza – maneira de nos relacionar com o mundo, com a realidade. Aqui, eu gostaria de contar uma coisa que ficou um pouco mais clara para mim a partir do meu trabalho, durante este ano que passei em Nova York.

Como eu dizia, nos últimos anos estive muitas vezes no centro de batalhas e polêmicas culturais. Quase sempre, completamente mergulhada nessa lógica da “batalha cultural”, eu agi, essencialmente, procurando aliados entre as pessoas ideologicamente mais próximas. Para dizer de modo um pouco grosseiro, eu procurava quem pensasse como eu. Em Nova York, isso não era possível: com uma certa surpresa e até um pouco desconcertada, eu logo tive de reconhecer que trabalhava num ambiente ainda mais radicalmente “liberal” do que o comum.

19 Como quando descreve as belíssimas páginas sobre Gedeão. Id., *ibid.*, p. 274.

20 Id., *ibid.*, p. 194.

21 Cf. *id.*, *ibid.*, p. 273.

Essa situação me levava a ter de medir forças realmente com “a cultura dominante”, e eu não podia fazer isso repetindo um esquema de respostas, por mais corretas que fossem. Eu tinha de trabalhar com outras pessoas, de participar sempre de discussões em workshops e seminários, de expor em público periodicamente os resultados da minha pesquisa, de ouvir as críticas e as reações de colegas e alunos, num contexto profissional em que estava cercada por pessoas muito mais bem-sucedidas e preparadas do que eu, quase todas inseridas no *mainstream* da cultura em voga.

Do meu lado, eu tinha apenas uma coisa, um único grande tesouro: aquela maneira de olhar para o homem que todos nós aprendemos de Giussani, de Carrón, seguindo a vida do Movimento.

Experimentei viver isso no meu trabalho, tanto nos relacionamentos quanto no espaço específico da minha pesquisa.

Quando, no dia da Páscoa, recebi a carta de Julián Carrón publicada no jornal *La Repubblica* a propósito da pedofilia, ficou claro para mim o caminho do trabalho cultural que eu queria fazer: antes mesmo de buscar a resposta correta aos problemas que eu tinha de enfrentar, o que eu precisava era entender até o fundo a exigência humana. O aspecto impressionante daquela carta é que não renegava a exigência de justiça (das vítimas, dos culpados, da sociedade), não a diminuía, não a menosprezava, mas se possível a amplificava, até levá-la de volta a suas proporções originais. Aquela carta era diferente de qualquer outra posição, porque, antes de buscar soluções, tratava da pergunta humana gerada pela triste questão da pedofilia. A carta não ficava na defensiva, mas punha-se totalmente do lado do homem, trazendo ao mesmo tempo uma novidade à humanidade ferida. Partia do homem – da sua exigência, portanto –, visto na sua verdade. Se era possível fazer isso a respeito da pedofilia – que é o problema mais embaraçoso de todos –, era possível fazê-lo a respeito de qualquer coisa. No encontro, diz Giussani, “a leitura das exigências é transformada, [...] vence a instigação da sociedade, vence a instigação do poder [...]; as exigências começam a ser lidas segundo a verdade que você encontrou”²². Aquela carta “redefinia” a exigência

22 Id., *ibid.*, pp. 362-363.

humana de justiça e lhe restituía toda a sua amplitude, olhava para o humano até o fundo. Naquele momento, ficou claro para mim que a diferença que temos, mais que em respostas distintas, está numa maneira diferente, mais profunda, mais verdadeira de olhar para a exigência humana. Lá, pareceu-me claro que todos os apelos políticos e sociais, mesmo quando formulados de modo confuso, redutivo e em última instância errado, podem ser uma grande oportunidade para fazer um trabalho cultural, que não pode limitar-se a julgar em termos de “certo ou errado”, mas exige a paciência de estar diante da pergunta que esses apelos exprimem, exige que as perguntas sejam levadas a sério e entendidas até o fundo, antes de começar a distribuir respostas a torto e a direito.

A situação “de fronteira” em que eu me encontrava me fez mudar completamente até o meu método de trabalho: eu logo me dei conta de que a contraposição polêmica não me levaria a lugar nenhum, nem muito menos a simples apologética da posição católica. Marcada pela grandeza do modo como olhamos para o homem na vida do Movimento, experimentei procurar indícios disso por toda parte, nos autores que lia e nas pessoas com quem dialogava. A coisa mais apaixonante foi sair em busca de reflexos da verdade em todos os autores, de qualquer linha, e construir a partir dali, buscando uma linguagem e argumentações que os não católicos também pudessem compreender. Se eu tivesse apenas “atacado”, liquidando apressadamente a cultura majoritária, assumindo uma posição de polêmica “heroica”, creio que ninguém teria nem sequer me escutado. A surpresa foi me dar conta de que este mundo tão secularizado pode ser uma enorme oportunidade, e de que existe um desejo de verdade em muitas e muitas pessoas, independentemente de qualquer divisão. Uma das novidades mais bonitas deste ano foi a descoberta de que é possível recuperar o caminho com qualquer um, bastando que estejamos equipados com a nossa humanidade, transformada pelo encontro que fizemos. É realmente entusiasmante a promessa que Giussani descreve: “Essa presença leva você a reencontrar a originalidade da sua vida. E, paradoxalmente, essa originalidade [...] você a encontra quando se dá conta de ter em você algo que está presente

em todos os homens, e que realmente o leva a falar com qualquer um, não o deixa estranho a nenhum homem”²³.

Não é que isso implique deixar de julgar certos ataques à humanidade que vêm da mentalidade contemporânea. Mas há maneiras de fazê-lo que, a meu ver, são embebidas da mesma lógica do “poder” que queremos combater – e assim nos reduzimos ao papel de facção, como qualquer outra, contraposta a todos e provavelmente derrotada nesta época histórica –; porém, existe uma outra forma: aquela exemplificada na carta sobre a pedofilia. Se comparado ao poder dos meios econômicos, políticos e midiáticos, nas mãos da mentalidade dominante, esse método parece pouca coisa. Pode ser que esse caminho não nos leve a dominar a história e a política de imediato, mas fabrica tijolos para que possamos construir e move as pessoas – como nos diz a expressão de Giussani, que Julián Carrón nos lembrava há algum tempo: as forças que movem a história são as mesmas que movem o coração do homem.

Este mês, reli um livro que costumávamos ler justamente na época das palestras de Giussani aos responsáveis dos universitários publicadas em *Lio rinasce in un incontro: O poder dos sem poder*, de Vaclav Havel. Talvez alguns de vocês ainda se lembrem do exemplo do verdureiro, que certa manhã decide deixar de expor na vitrine os cartazes com os *slogans* da propaganda obrigatória do regime. Por que, pergunta Havel, o poder deveria temer tanto um gesto tão banal? Um gesto aparentemente insignificante e sem a menor incidência. As donas de casa que vão fazer compras – comenta Havel – percebem mais facilmente a falta de tomates ou de batatas que a dos cartazes com os *slogans* do regime. No entanto, esse verdureiro e sua família serão perseguidos pelo sistema, pois seu gesto macula o mundo das aparências de que é constituída a ideologia. O verdureiro é uma ameaça ao poder porque, com seu gesto de verdade, decide sair da aparência e da mentira e, agindo assim, ilumina toda a realidade que o cerca. É por isso que esse gesto pode ter consequências incalculáveis; por ter um potencial de comunicação e difusão ilimitado, pode contagiar um número imprevisível de homens, porque – diríamos nós – corresponde ao coração do homem. Como foi dito nestes dias, o espaço da partida é o centro do eu, mas esse jogo tem um alcance cósmico.

23 Id., *ibid.*, p. 183.

Onde é, então, que nós, que vivemos neste mundo, depois de Cristo, sem Cristo, podemos ver a vitória da fé?

Acredito que todos nós carregamos essa pergunta no íntimo e, como muitas vezes acontece, foram alguns jovens universitários que a formularam da maneira mais lúcida. No final de uma conversa, um deles me perguntou: que significa, neste contexto, que “a fé tem ainda uma possibilidade de sucesso”? Afinal, que sucesso poderíamos obter? E um outro: “Será que neste clima cultural devemos nos contentar com o testemunho, ou ainda podemos nos lançar em batalhas culturais e políticas?” Essas perguntas foram esclarecedoras para mim, pois me levaram a entender a ideia que temos da vitória da fé no mundo, como diziam os Exercícios da Fraternidade há alguns anos. No fundo, temos uma ideia semelhante à que aparece na canção *O monólogo de Judas*: “Mas o seu reino não vinha”. E nisso, mais uma vez, Giussani nos oferece uma leitura diferente: “Ninguém disse que os cristãos têm de vencer. O problema é justamente este: é que nós vencemos sempre, ainda que fôssemos sempre derrotados, entendendo que ‘vencer’ é realizar uma maior humanidade e ‘ser derrotados’ é não ter o poder. Como disse um de vocês uma vez, numa discussão: nós buscamos uma vitória sem poder! Era isso que essa pessoa queria dizer. É a vitória do humano. Enfrentando a vida segundo a fé, nós alcançamos uma vitória sobre o humano, o nosso gesto é mais humano. Isso não significa que a nossa ação prevaleça politicamente, economicamente, etc., que alcancemos o poder”²⁴. Deus até pode nos conceder o êxito, mas ninguém disse que os cristãos têm de vencer.

Pessoalmente, entendo que isso me põe diante de um desafio constante, incessante e sempre novo: ou enfrento tudo a partir da lógica do poder (dos meus projetos, das minhas estratégias e alianças) ou a partir do reconhecimento de que um Outro age realmente na história, quer na minha história pessoal, quer na história do mundo.

24 Id., *ibid*, p. 402.

TESTEMUNHOS

29 de agosto de 2010, domingo à noite

LUIGI GIUSSANI, DENIS, ROSE BUSINGYE

LUIGI GIUSSANI. Meu nome é Luigi Giussani. Vocês devem estar-se perguntando: como assim? É porque esse é o nome do homem que venceu a minha escuridão, ao lado de padre Carrón; os meus dias de escuridão acabaram, e tudo se encheu de luz e de letícia.

Eu vivi uma jornada escura de morte. Meus pais, meu pai e minha mãe, morreram queimados num ônibus: estavam fugindo dos rebeldes que tinham chegado a Kampala; eu tinha ficado com meu tio, que depois também morreu num acidente, esmagado por uma prensa numa fábrica de Kampala. O mundo se escureceu para mim e eu achava que seria o próximo a terminar assim.

Tinha ouvido falar do Meeting Point International e me perguntei se podia haver uma nova vida para mim. Para mim, a vida tinha acabado, eu esperava a hora da minha morte, acreditava que a vida fosse apenas aquilo que eu tinha visto e vivido. No Meeting Point, vi jovens e velhos juntos, e estava curioso por ir ver o que eles faziam. Alguém ali olhou para mim e me propôs que voltasse para a escola, mas eu não conseguia me concentrar nos estudos, porque só ouvia os gritos e as chamadas em que os meus pais haviam morrido. Rose me levava à Escola de Comunidade, e a palavra que mais me impressionou foi a palavra “valor”, mas eu me perguntava que tipo de valor eu poderia ter, se meus pais e meu tio estavam mortos. O que podia me devolver os meus pais?

Continuei a estudar, passando por essas dificuldades, até 2007. Naquele ano, um homem chamado Julián Carrón foi a Uganda. Não me lembro do dia em que nasci, mas me lembro do dia em que Julián chegou: aquele foi o dia do meu nascimento. Carrón foi ao Meeting Point e falou com os pacientes e as crianças. Ainda me lembro daquele olhar que penetrou na minha escuridão. Enquanto ele falava,

eu acompanhava o seu olhar: era como se a escuridão da morte se tornasse cada vez menor, o meu coração dava pulos dentro de mim. Naquela noite não consegui dormir, voltei para casa e depois fui para a escola. Ele tinha dito que estaria na escola Saint Vincent, para uma assembleia geral com o pessoal do Movimento. Eu não sabia nada do Movimento, mas fui até lá, porque queria ver mais uma vez aquele olhar. Segui aquele olhar e aquele olhar trouxe a luz para dentro de mim; eu queria seguir aquele homem, queria ficar com ele pelo resto da minha vida. O coração pulava tanto no meu peito, que parecia que ia explodir.

Voltei a encontrar a Rose, porque a única maneira de estar com aquele homem era ser batizado. Eu achava que a Rose também batizasse as pessoas, mas ela me decepcionou um pouco, porque não me batizou; ela me disse que me mandaria para um certo lugar para me preparar para o Batismo. Voltei para a escola e os meus amigos também tinham o mesmo desejo; o que acontecia em mim acontecia nelas também: o nosso coração explodiu em cantos. Enquanto fazíamos o catecismo, cantávamos juntos. Com toda aquela letícia, não passávamos muito tempo fazendo o catecismo! Fomos batizados (doze homens e doze mulheres) e a minha viagem começou naquele dia. O olhar de Carrón varreu o terror da morte. Desejávamos a mesma coisa para os nossos colegas de escola, e então nós mesmos começamos a dar o catecismo para os outros alunos, e trinta e oito deles foram batizados com a ajuda do Mauro e do padre Archetti. Queríamos comunicar a beleza que tínhamos encontrado, a beleza da vida que nos fazia cantar. Pedimos ajuda na Escola de Comunidade; entendíamos melhor a Escola de Comunidade quando cantávamos. Formamos o “Batalhão do Carrón”, os “Alpinos de Kireka”, de Uganda. Cantamos as canções dos alpinos. Alguns de nós são filhos de soldados, vêm de diversas situações negativas, mas essas situações foram vencidas pelo olhar do padre Carrón: hoje somos homens novos e mulheres novas. Nós vivemos para dizer que é possível viver assim.

DENIS. Meu nome é Denis, tenho vinte e três anos, quase vinte e quatro, estou no último ano de Estatística na faculdade. Perdi minha mãe

quando tinha oito meses, fiquei dez anos com meu pai e depois ele também morreu; portanto, cresci com parentes e outros amigos. Eles queriam que eu fosse trabalhar como empregado doméstico ou faxineiro em suas casas. Eu e meu irmão acreditávamos que a vida para nós tinha acabado. Não tínhamos esperança e não víamos nenhum futuro. Mas um dia alguém foi à minha casa e me contratou, e essa pessoa é a Rose; mesmo no momento em que ela me tomou consigo, eu tinha outra perspectiva sobre a vida, outras pessoas me contratavam e me pagavam pelo trabalho que eu fazia. Rose me perguntou se eu queria ir à escola. Eu disse que sim. Ela me perguntou o que eu queria fazer, o que queria ser, por que queria ir para a escola. Eu disse que queria me formar, fazer pós-graduação, comprar belos carros, ser rico. Ela me disse: “Olhe que você é infinito e essas coisas não vão satisfazê-lo”. Achei que ela estava brincando quando disse isso. Segui a minha vida, passei pela escola com boas notas, depois fui para a universidade, também com boas notas, mas sentia que me faltava alguma coisa.

Eu tinha amigos protestantes, então procurei segui-los e frequentar sua Igreja para preencher esse espaço, esse vazio em mim, mas na Igreja deles me diziam que eu tinha de ser bom para ir para o Paraíso. Em 2007, padre Carrón visitou Uganda, falou a muitos jovens, e eu estava entre eles; disse muitas coisas, mas duas me impressionaram: que Cristo é tudo e que interessa à vida. Isso para mim era como uma porta nova que se abria na minha vida. Soava novo aos meus ouvidos, ninguém nunca me havia dito aquelas coisas. Naquele momento, eu sentia que já não era órfão. A única coisa que queria era unir o meu sim ao sim de Carrón, porque me sentia arrancado do meu nada para um algo que eu não esperava. E sinto que ganhei mais que o cêntuplo. Mas os desafios não diminuíram, por exemplo na universidade. Tenho um professor de Estatística que escreveu muitos livros, leu muitos livros, sabe que eu sou cristão e me diz: “Você é cristão, você crê em Jesus Cristo, que nunca viu; o cristianismo para você é simplesmente uma muleta. Vocês, cristãos, são mancos, precisam de uma bengala, de uma muleta”. Eu disse a ele: “Tudo bem, pode ser que seja a minha bengala, mas eu estou me mexendo; o senhor não tem uma bengala e está parado, estagnado”. Naquele momento ele

estava ligeiramente bravo e me disse: “Mas você é novo demais, é negro, é africano. Como ousa falar desse jeito?” Eu disse: “Tenho vinte e três anos”. E ele: “Não pode ser”. Eu repeti: “Tenho vinte e três anos!” Ele ficou bravo e foi embora. No dia seguinte, o professor mandou um colega de curso falar comigo; era uma pessoa muito rica, que tinha belos carros, e foi me dizer que havia uma vaga para mim, um trabalho com estatística em Dubai, que me dariam um bom salário, sete virgens, um belo emprego. Ele disse: “Não deixe esse emprego escapar”. Mas eu fiquei preocupado: “Como assim? Vão me dar virgens, dinheiro...” Eu não entendia o que estava acontecendo e me perguntava: “Como pode, oferecerem isso a mim?” Ofereceram o mesmo a outras pessoas que foram para lá. Eu recusei e me tomaram por louco. No dia seguinte, cheguei atrasado à aula, o professor já estava na sala; olhou firme para mim, estavam todos calados, e me pediu que lhe apontasse a garota mais bonita da classe. Eu disse a ele: “São todas bonitas, não consigo escolher a mais bonita”. Ele me disse: “Então, você não entende de mulheres”. Eu respondi: “Eu não preciso escolher”. O professor era um homem casado, tinha aliança, e eu lhe disse: “O senhor vem me fazer essa proposta, o senhor, que é um homem casado; mas o senhor é feliz no seu casamento?” Eu falava na frente da classe, como estou falando agora diante de vocês. Ele me disse: “Você foi longe demais. Não pode me questionar sobre o meu casamento”, e terminou a aula ali. Não estava contente comigo e me perguntou que drogas eu andava usando, disse que contaria aos outros professores que eu não estava bem, que me faltava um parafuso. Eu lhe disse que não me faltava nada, que estou bem, ou que talvez seja simplesmente humano.

ROSE BUSINGYE. Depois da morte de Dom Giussani, parecia que o meu mundo tinha acabado, e, quando o Carrón o substituiu, como eu confiava em Dom Giussani e obedecia, não tive problema nenhum; mas eu o via como um substituto, o novo chefe, e nada mais que isso. Depois, o Carrón foi a Uganda, ao Meeting Point International, e falou a uma multidão de pacientes e jovens; éramos pelo menos trezentos. No dia seguinte veio um jovem, Luigi, todo suado, e me disse: “Sabe, olhando para

aquele homem descobri que não sou batizado”. Eu disse a ele: “Quando foi que você o olhou e como o olhou?” Como o conhecia havia muito tempo, pensei: “Sim, são africanos, isso vai passar”. Eu disse a ele: “Tudo bem, tudo bem, vou pensar e achar alguém para preparar você”. Ele foi embora um pouco bravo. No dia seguinte chegou um outro, que tinha vindo andando, nem tomou condução, veio andando até o meu escritório e me disse: “Sabe”... e se coçava todo... “tem esse homem, aquele ali – como é que se chama? –, aquele ali que veio no outro dia... Sabe, preciso do batismo”. Então eu disse a mim mesma: “O Carrón falou, eu também estava lá, todos os adultos do Movimento estavam lá: o que foi que ele disse que nós não ouvimos?” E eu disse também ao segundo rapaz: “Tudo bem, eu vou ver, eu vou ver, tá bom, tá bom”. Até o fim da semana, cinco pessoas me haviam pedido a mesma coisa. Então eu os reuni no escritório e comecei a dizer a cada um: “Diga-me uma palavra, uma frase que o impressionou”. Eles não me diziam nada, nem uma frase do que o Carrón havia dito, mas todos me pediam a mesma coisa. Então disse a uma mulher que estava em Uganda: “Tente você. Eu sei que daqui a uma semana vão todos desaparecer”... Eu tinha convidado todos eles para a Escola de Comunidade; eles vinham e depois sumiam; eu achava que ia acontecer a mesma coisa. Essa mulher começou a acompanhá-los com o Mauro; quando voltavam para casa, estavam os dois entusiasmados, e ela me dizia: “Esses jovens eu quero acompanhar, esses jovens são excepcionais”. Então, fui procurar minhas anotações do dia em que estivemos com o Carrón, mas não havia nada sobre o Batismo. E enquanto eu estava ali procurando as citações do Carrón, as anotações, eles já estavam um passo à frente. Por exemplo, um dia, já que há tantos anos falamos da caritativa, eles decidiram ir à pedreira e cantar as canções dos alpinos para as mulheres que quebram pedras, e foram lá cantar, e as mulheres, com os martelos nas costas, choravam de comoção. E, quando alguém veio dizer a eles: “Vocês precisam traduzir essas canções dos alpinos para o inglês; não dá para cantar coisas que as pessoas não entendem”, os jovens responderam: “Você, que é italiano, nos diz que devemos traduzir as canções dos alpinos? Quando o Mistério nos fala, em que língua Ele nos fala?” Enquanto eu estava ali parada, procurando as citações, eles estavam um passo à frente; um deles começou a pesquisar o que é o

Movimento na Internet, vinha ao meu escritório para ler para mim o que Dom Giussani disse em 1980, em 1981, e eu dizia: “Mas Dom Gius falou disso em 1980, falou disso em 1970, e eu não sabia de nada”. Houve uma hora em que fiquei realmente assustada. Pensei: “Ora essa! O mundo vai para a frente e eu fico nas citações, nas frases, nas anotações, em vez de me mexer”. Um dia Luigi veio e me disse: “Rose, vamos cantar!” Eu respondi: “Não, não, tenho muito que fazer: tenho coisas para fazer aqui, ali...” E ele: “Rose, se a vida é o que você escolhe, vire-se”. Fiquei um pouco brava, mas era uma coisa que penetrava cada vez mais dentro de mim. No final, encontrei o padre que lhes fez o exame de catecismo; ele voltou para casa e disse: “Pode deixar que eu os batizo, que eu os acompanho”. Doze deles foram batizados, depois eles mesmos foram às escolas dar o catecismo. Chegou um dia em que eu me perguntei: “Veja só, o mundo vai mudando e eu fico ali, procurando o que eles viram no Carrón, o que o Carrón fez... mas o Mistério muda quem quer, quando quer e por meio do que quer”. E então eu disse: “Agora eu também vou segui-los”, porque era bonito demais vê-los cantar. “Não quero mais ser deixada para trás.” Comecei a olhar para o Carrón, mas olhando para onde ele está olhando; deixei de olhá-lo como um chefe. Carrón voltou a Kampala e falou da contemporaneidade de Cristo. Quando chegou, eu disse: “Já não quero ficar para trás; os outros estão contentes, felizes, e eu fico parada procurando as palavras”. Eu também olhei para ele quando falava; olhando para ele, vendo o que ele estava dizendo, olhando para onde Carrón estava olhando, eu mudava. É como se aquilo de que ele estava falando se tornasse uma coisa só comigo; o que ele estava olhando se tornava uma coisa só comigo, e isso me unia ao Carrón. Agora já não o vejo como o “chefe” Carrón, mas realmente como um companheiro de caminho. Para mim, já não interessa o Carrón “chefe”: enquanto os jovens olhavam para o que o Carrón estava olhando, eu estava fixa no chefe, na organização. Agora, o meu olhar se fixa em onde o Carrón está olhando, e, enquanto olho para lá, enquanto fixo o meu olhar no ponto para onde ele está olhando, torno-me uma coisa só com o que me une ao Carrón.

30 de agosto de 2010, segunda-feira, manhã

1. O DRAMA DO EU

“Não foi pelas trinta moedas, mas pela esperança que ele, aquele dia, suscitou em mim.”²⁵ A verdadeira luta se introduziu na história – introduziu-se no coração de Judas, da mesma forma como se introduz no coração de cada um de nós – depois que Alguém suscitou essa esperança. E não devemos confundir as coisas: o problema não são as trinta moedas; a natureza da luta é “a esperança que Ele suscitou em mim”. Havia a possibilidade de que Judas, mesmo fazendo parte do grupinho dos discípulos, não aderisse àquela simpatia inicial. E então seu coração se tornou “de pedra”. É de matar! Ocorreu dentro dele, não fora. E essa luta – todos sabemos – é uma luta pessoal que tem uma dimensão social e cósmica, pois todos conhecemos as consequências daquele “não”, daquele coração de pedra.

Nesse sentido, fiquei muito contente com o dia de ontem, pois tenho a impressão de que começamos a entender qual é a verdadeira dimensão da palavra que usamos no primeiro dia, “conversão”: não é uma questão intimista; é algo que acontece no coração do eu, pois não existe outro drama além daquele que acontece no eu, o drama que cada um de nós vive com o Mistério; mas essa questão pessoal tem um relevo, tem um alcance social, cultural, cósmico, e devemos ter bem claro qual é a luta que está em jogo, hoje e sempre. Muitos de vocês disseram isso ontem: estou lembrando da Cristina, diante de alguém que lhe propôs uma coisa, forçando-a a tomar uma decisão, ou da Rose, que teve de tomar a iniciativa diante do que aconteceu a seus jovens, ou do Chris, que teve de deixar entrar esse olhar que

25 Chieffo, C. Il monologo di Giuda. In: *Canti*. Milano: Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, 2002, p. 205. Diz a canção: “Não foi pelas trinta moedas,/ mas pela esperança que/ ele, aquele dia,/ suscitou em mim./ Eu era um homem tranquilo,/ vivia bem do que é meu,/ até minha oferta fazia/ à casa de Deus./ Mas um dia veio esse homem,/ falou de paz e de amor,/ dizia que era o Messias,/ o meu Salvador./ Por terras aradas pelo sol, pelas ruas de cada cidade,/ a multidão nos sufocava/ com as mãos estendidas./ Mas depois passavam os dias/ e seu reino não vinha,/ eu já lhe havia dado tudo/ e ele me traía./ O coração fez-se de pedra/ e os olhos aprenderam a arte de fugir,/ ele me encheu de angústia/ e tinha de morrer./ Pendurado à árvore um corpo,/ que certamente já não é o meu,/ eu agora o vejo nos olhos:/ é o Filho de Deus”.

Ihe permitiu retomar, ou do testemunho da Marta, pois o tipo de luta em que estamos metidos é contra um poder que quer reduzir o eu e essa esperança que Cristo suscitou em nós. A luta é entre essa esperança que Cristo, com a Sua presença histórica, suscitou em nós e esse poder. Temos de decidir. A conversão é se nós cedemos a essa atração ou ficamos com o coração de pedra. Marta nos lembrou disso muito bem ontem, citando a passagem de Havel sobre o verdureiro: um gesto quase banal, que pode passar despercebido, o gesto de liberdade de um homem é o que ameaça o poder. A luta se dá nesse nível e possui, como tudo, um alcance social, porque não há decisão que tomemos que não tenha uma consequência social. Essa é a luta que vemos na Igreja, essa é a luta que vemos no mundo; não a vemos somente em nós ou na Igreja, mas em muitas das pessoas que encontramos, por exemplo no Meeting, gente cuja história pessoal conhecemos, que nem é cristã, mas em cujo coração está acontecendo a mesma luta provocada por essa esperança que – por intermédio da nossa simples presença – um Outro suscitou neles.

2. “COMUNHÃO” E “LIBERTAÇÃO”

Para enfrentar essa questão, para nos ajudar a entendê-la, quero partir de dois fatos que aconteceram durante a Escola de Comunidade deste ano e que me fizeram pensar de verdade.

Um dia uma pessoa tomou a palavra e disse: “Vou fazer uma premissa: nos últimos anos passei por uma grande dificuldade, provocada por uma situação que se criou no trabalho e me levou a pedir demissão, a deixar tudo para trás, depois de trinta anos. Naturalmente, hoje me vejo naquela situação de ter de arranjar um novo emprego, o que não é fácil, no momento atual e com quase cinquenta anos; mas o meu problema não são as circunstâncias, e sim a maneira como eu as vivi, porque, em todo este tempo, vivi um pouco sufocado e até perdi um pouco o gosto de viver. Na palestra da sexta-feira dos Exercícios, na página 8, você diz: ‘Se não há mudança no modo de perceber, de julgar a realidade, quer dizer que a raiz do eu não foi investida por nenhuma novidade, que o acontecimento cristão ficou exterior ao eu’. Na semana passada, foi realizado um encontro com o

padre Aldo; quando ele contou um drama que viveu, eu senti que era uma coisa semelhante ao que eu estava vivendo: eu me escandalizava com a minha falta de gosto de viver; mesmo sendo do Movimento, mesmo estando cercado pela graça de um monte de gente que me quer bem, não conseguia perdoar a mim mesmo por esse escândalo nem confessá-lo abertamente, até o fundo, mesmo aos amigos mais queridos. Houve um momento em que o padre Aldo disse: ‘Eu mudei quando, depois de muitos anos pedindo até mesmo a morte, comecei a olhar para mim mesmo não como eu me olhava, mas como Deus me olha’. Eu já tinha ouvido testemunhos do padre Aldo outras vezes, este ano mesmo, mas sempre saía dos encontros dizendo: ‘Ele é um santo, eu não’; dessa vez, saí e disse a mim mesmo: ‘Se isso é possível para ele, por que não para mim?’ Ele havia realmente tocado a raiz do meu ser, e eu fiz a experiência de me sentir libertado, pois, na prática, ele me derrubou, mas não me destruiu, e sim o moralismo e o escândalo que eu tinha diante do meu pecado. E isso a ponto de, no dia seguinte, a primeira coisa que disse a minha esposa ao me levantar, ter sido: ‘Precisamos recomeçar a nossa relação, aprendendo a nos olhar como Deus nos olha’”.

Fiquei impressionado com isso (cheguei a sublinhar o fato naquele mesmo dia, na Escola de Comunidade), porque, como essa pessoa, nós podemos viver anos no Movimento e não olhar para nós mesmos como Deus nos olha, nem levar isso em consideração, e sufocar pelo fato de o nosso olhar ser como o de todo o mundo, não tocar a raiz do eu, a raiz da nossa maneira de perceber a nós mesmos e às circunstâncias. Aliás, depois ainda nos lamentamos de que a raiz do eu não muda, de que nada muda, de que sufocamos nas circunstâncias! O que o libertou foi o fato de que dessa vez lhe disseram qual era o caminho; padre Aldo comunicou a ele uma hipótese de caminho para que pudesse começar a fazer experiência da mesma coisa que padre Aldo lhe testemunhava.

Duas semanas depois, num outro encontro, chegou uma outra pessoa e disse: “Como eu sou um pouco mais lento, quero voltar ao depoimento daquela pessoa que, quando atravessava dificuldades, encontrou o padre Aldo, que lhe disse: ‘Aprenda a se olhar como

Deus olha para você e não como você se olha. Eu tenho um problema com isso. Minha esposa sempre reclama que eu devo rezar mais, pensar mais, fazer mais silêncio, mas é difícil para mim imaginar como Deus me olha. O que significa ‘como Deus me olha?’ Depois, citou uma entrevista em que padre Aldo dizia que o que deu concretude a Cristo foi o modo como Dom Giussani olhou para ele, tomou-o consigo e o acompanhou: Cristo, assim, se tornou uma presença concreta. E acrescentou: “Quando penso em mim mesmo, eu percebo que não chego à forma como Deus deve me olhar. Aceito que Deus me concedeu um dom imenso, que é esse olhar de Dom Giussani, que foi reconhecido como carisma. Num texto dos encontros com os responsáveis dos universitários [que depois vou retomar], ele diz que o Movimento, sem a Igreja, é nada, é efêmero; e que a Igreja é nada, sem Cristo. Cristo é o centro. Mas, sem o Movimento e sem a Igreja, eu não sei o que é Cristo. Por que digo isso? Porque esse dom se chama Comunhão e Libertação”. E em seguida contou que em seu grupinho de Fraternidade as pessoas viviam reclamando que não experimentavam a libertação. Então, comecei a dialogar com ele: “Por que, na sua opinião, essa libertação não chega?” Ele me respondeu: “É como se nos fixássemos em sublinhar a demora dessa libertação, sem nos questionar a respeito do que é ‘comunhão e libertação’, ou seja, de que o que diminui é o nível da capacidade de comunhão, de pertencer. Dom Giussani diz: ‘Quando você descobre essa forma que o tomou, nasce uma afinidade. Viver é correr atrás dessa afinidade, e isso é a comunhão’. A impressão que eu tenho é de que nós muitas vezes perdemos tempo lamentando a falta de libertação, esquecendo que o problema é a comunhão”.

O motivo da falta de libertação, portanto, não seria aquilo que o padre Aldo ou o seu “seguidor” disseram – a falta de um trabalho de identificação com a forma como Deus olha para mim, depois que eu encontrei esse olhar –, mas a questão era não haver comunhão, ou seja, a pessoa não estar dentro de uma comunhão. Continuei a instigá-lo: “E, na sua opinião, por que é que falta essa experiência de comunhão? Vocês não estão todos juntos na Fraternidade?” Poderíamos dizer: não estamos todos juntos na companhia, na comunidade? Então, o que acontece? De

fato, este é o ponto: que há uma forma de viver a comunhão que não leva à libertação! E esse é um dado que encontramos em nós mesmos, como experiência. Ele me respondeu: “A razão é que é muito difícil para nós que o fato de pertencermos se transforme num juízo real”. Eu disse: “Muito bem, essa é a questão. E por que é que falta esse juízo real? Por que esse juízo real não chega até o eu?” Ele replicou: “Na minha opinião, porque nós perdemos tempo, por não percebermos que tudo já está dado no Movimento”. E eu: “Mas, se tudo já está dado, não falta nada. Portanto, a pergunta é: por que esta comunhão, muitas vezes, não nos liberta? Eu entendo que possamos estar juntos e continuar a dizer que é difícil imaginar como Deus olha para cada um de nós, e isso é verdade, é difícil imaginar como Deus me olha; mas isso só antes do encontro, só até antes de você ter encontrado o olhar de Dom Giussani, só antes de esse olhar o ter invadido. Antes do encontro, sim, mas, depois do encontro, não. Ou seja: se voltarmos ao mero senso religioso, a antes do advento de Cristo na nossa vida, não poderemos imaginar como Deus nos olha. Mas Zaqueu [eu dei este exemplo, que depois encontrei no texto de Dom Giussani que vou ler para vocês] entendeu como foi olhado, São Paulo entendeu como foi olhado, a pecadora entendeu como foi olhada, e por isso pertence àquele lugar que se chama comunhão. Isso gera a comunhão e gera a libertação. Realmente, nós podemos continuar a falar da comunhão ou a estar juntos, sem que o juízo real, o olhar que se revelou no encontro, fira o nosso eu e a nossa maneira de olhar, e isso é perceptível no fato de não chegar a libertação. Assim, não basta estarmos juntos para viver a comunhão cristã; é preciso que o fato de estarmos juntos seja invadido pela novidade do encontro, ou seja, pelo juízo, pelo olhar que nos invadiu, graças ao qual pertencemos a esta comunhão e este lugar é um lugar de comunhão”.

Depois, eu acrescentava um segundo ponto: “O fato de sermos invadidos não é mecânico. Se cada um de nós não se deixa invadir todos os dias, não reconhece o que encontrou, se o que encontrou não se torna seu (memória, isso se chama memória), esse olhar desaparece do seu horizonte e chega uma hora em que a pessoa acaba por dizer que não sabe como Deus olha para ela. E, quando eu já não sei como Deus me olha, deixa de haver libertação. É algo perfeitamente passível de aconte-

cer: podemos viver anos neste lugar, e continuar a chamá-lo de comunhão, sem ter o juízo que gera a comunhão. Esse é o motivo pelo qual aquela pessoa que falou na Escola de Comunidade foi tocada pelo padre Aldo, porque o padre Aldo testemunhava – como cada um de nós pode dizer de si mesmo – que ele também durante anos viveu suas situações sem se olhar como Deus o olhava, e que a mudança só ocorreu quando aceitou começar a se olhar como Deus o olhava, como tinha sido olhado. Ele tinha sido olhado desse jeito por Dom Giussani, senão o problema não teria vindo à tona; mas o passo de tomada de consciência do padre Aldo foi que, a certa altura, começou a olhar-se como Deus o olhava, ou seja, como tinha sido olhado por Dom Giussani. Assim, se o padre Aldo tocou aquela pessoa, foi porque a levou a entender o que lhe faltava e lhe deu clareza sobre o caminho que tinha de percorrer. Por isso aquela pessoa foi libertada. Nós – como dissemos nos Exercícios – com frequência nos esquecemos de que qualquer coisa (portanto, também esse olhar) só se torna minha graças à minha liberdade. Este juízo se tornará meu, este modo de olhar se tornará meu, se passar pela minha liberdade. O fato de essa minha liberdade precisar permanentemente de um lugar é indiscutível: sem um lugar, não conseguiríamos manter a nossa liberdade diante desse juízo de modo pessoal. É preciso que permaneçamos no lugar que gerou o juízo, mas, sem a minha liberdade, esse juízo não se torna meu. Se, quando a vida urge e a pessoa já não suporta a si mesma, ela não sente a exigência de voltar àquele olhar que a liberta, como poderá ter uma experiência de libertação?”

Vemos aqui um exemplo daquilo que mencionei nos Exercícios da Fraternidade: nós continuamos a contrapor acontecimento e comunhão a trabalho, iniciativa e liberdade; mas, assim, a libertação nunca vai chegar, porque nunca se tornará minha. Não tomem como moralismo o fato de passar pela minha liberdade, por favor. Nós, muitas vezes, na hora em que temos de fazer alguma coisa, aplicamos logo o carimbo de moralismo a essa situação, e assim justificamos a preguiça que temos de sair da nossa posição, de mudar. Desse modo, acabamos nesta alternativa mortal: ou algo é automático ou é moralista, ou seja, a liberdade deixa de existir. Mas é moralismo rezar o Ângelus ou dar espaço a esse olhar? Não! Isso se chama memória.

3. O INSTANTE ANTES

Para esclarecer este ponto, decidi reler com vocês as palavras com que Dom Giussani conclui um encontro com os responsáveis dos universitários de 1986, transcritas em *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*.

Ele parte da observação do momento que o Movimento estava vivendo, da diferença entre 1986 e o que havia ocorrido em 1968: “Antes de mais nada, portanto, o primeiro fator precioso que devemos salientar é que, mesmo obscuro ou confuso, ou surpreso, o nosso tipo de consciência é profundamente *ancré*, inscrito numa estima por esse acontecimento que chamamos Movimento. Vocês se lembram de quando falávamos em agosto do ‘instante antes’ que, depois, me determina na ação? [Atenção para o exemplo] Para o jovem, para o rapaz, que vislumbrou do outro lado da rua ou pouco mais adiante a silhueta fascinante da moça, há um instante, antes de se lançar em segui-la, em que ele diz: ‘Que moça bonita!’ É isso, é desse instante que eu estou falando. Mas na ocasião nós demos um exemplo mais sério, o de Zaqueu, antes de descer da árvore e correr para casa. Em agosto passado, tentei chamá-los a se identificarem com aquele momento [antes de Zaqueu descer do sicômoro] em que ele se sentiu olhado e se sentiu como que invadido por uma luz nova, uma sensibilidade nova, uma emoção que determinou de um jeito diferente todo o seu horizonte”²⁶. O instante antes: nós não podemos evitar que esse instante aconteça, não podemos controlá-lo, graças a Deus. Por isso, o ponto decisivo é esse instante antes, essa esperança que nem Judas pôde evitar que fosse suscitada nele. É preciso observar que nesse primeiro instante – como dissemos nos Exercícios – o conhecimento e a liberdade trabalham juntos. O nosso conhecimento não é neutro, o nosso conhecimento sempre implica a liberdade.

Prossegue: “Quando falo de estima predominante pela experiência do Movimento, por esse acontecimento que é o Movimento, falo de algo que gera uma atitude semelhante à de Zaqueu antes de descer da árvore, ou do ‘moçoilo’ antes que se lance na perseguição da moça. E isso é fundamental. Eu digo sempre que, muito mais que em escolhas específicas, a

26 Giussani, L. *L'io rinasce...*, cit., p. 40.

nossa liberdade entra em ação numa escolha fundamental, no sentido de que as escolhas específicas revelam uma escolha fundamental, a escolha diante da realidade enquanto tal: uma escolha de simpatia pela realidade, como a que a natureza nos impele a fazer, por exemplo ao dotar-nos do instinto da curiosidade, do mecanismo da curiosidade, ou a escolha oposta, pela qual nos posicionamos diante da realidade com o cotovelo na frente do rosto na defensiva. Nesse claro-escuro profundo [no centro do eu, onde se desenvolve a luta], quase no limiar do subconsciente, se decide toda a postura que depois assumiremos com Deus, com o pai, com a mãe, com a namorada, com os filhos, com os amigos, com o livro, com os acontecimentos, com as plantas, com a lua, com tudo. Essa simpatia e essa carga de crédito inteligente – não ainda em sentido completo, mas em sentido intuitivo – pelo valor que o Movimento veicula e carrega, pelo que existe entre nós (o que existe entre nós é a verdade), essa premissa ou essa pré-compreensão, ou essa simpatia prévia, ou esse ‘instante antes’ positivo é decisivo²⁷. E acrescenta uma coisa que pode acontecer a todo o mundo, portanto a nós em primeiro lugar: “Muitos adultos, que estiveram no Movimento e talvez ainda estejam, carecem disso. Enquanto faltar isso, o Movimento será uma coisa grudada às outras, uma coisa como outra qualquer, tal como, para a maioria esmagadora dos cristãos guiados pelos ‘oficiais’, ou seja, pelo clero, Cristo e a Igreja são uma coisa como outra qualquer, respeitabilíssima, a mais respeitável de todas, mas uma coisa como outra qualquer. Todo o conteúdo da nossa posição de fé pode-se resumir exatamente no rompimento dessa justaposição, pois Cristo, o acontecimento cristão, é ‘a’ vida (como Ele mesmo diz: ‘Eu sou o caminho, a verdade e a vida’), e por isso invade e penetra tudo, dá consistência, estabelece a consistência de tudo. Eu creio – espero não ser ingênuo – que este momento tenha confirmado essa estima para a maior parte das nossas comunidades. O exemplo que vocês devem ter sempre em mente é o de Zaquêu. Essa estima pelo Movimento – porque o Movimento é verdadeiro, porque o Movimento é a proposta verdadeira para a existência e para a história –, essa simpatia ou esse crédito confiante, como ponto de partida, é fundamental²⁸”.

27 Id., *ibid.*, pp. 40-41.

28 Id., *ibid.*, pp. 41-42.

4. UM DEFEITO DE MORALIDADE. A AUSÊNCIA DE MEMÓRIA

Depois de sublinhar esse “antes”, em que já age toda a minha liberdade, nesse claro-escuro no limiar do subconsciente, Dom Giussani introduz o segundo fator: “No entanto, continuamos a ser seriamente inadequados. É como se, mesmo com esse ímpeto de simpatia ou de crédito – justo, fundamental, e por isso esta segunda observação que estou fazendo, sobre essa inadequação, embora seja desagradável, não deve dar medo, pois é a indicação de um caminho, não uma objeção –, é como se permanecêssemos fundamentalmente inadequados a essa simpatia. Não podemos carregar por muito tempo, não é possível tolerar por muito tempo essa inadequação se não trabalharmos sobre ela, pois, sem esse trabalho, até a simpatia desaparece”²⁹. Por isso, contrapor essa simpatia à necessidade de trabalhar sobre ela é uma estupidez. Sem trabalhar sobre ela, sem ceder a essa simpatia, a simpatia simplesmente desaparece e o coração então se torna de pedra. Podemos alegar todas as razões que vocês quiserem para justificar o coração de pedra, mas não é razoável: quem quer que tenha vivido essa esperança despertada nele não poderá apresentar nenhuma objeção razoável para justificar seu coração de pedra.

Qual é a causa dessa inadequação? É o que Dom Giussani enfrenta logo em seguida: “Essa inadequação vem de um defeito moral. Uso a palavra ‘moral’ ou ‘moralidade’ em seu sentido mais profundo, substancial, que é a disposição da pessoa diante do Ser, ou seja, diante da vida, da existência, enquanto origem, consistência, destino; digamos destino, que resume tudo”³⁰. Não é a coerência com certas regras, pois isso é o moralismo: a moralidade é a disposição diante do Ser. E para ter essa simpatia diante do Ser não é preciso nenhuma particularidade ou especial energia da vontade, que justificasse que uma pessoa possa ser santa por ter essa energia, enquanto eu, que sou um pobre coitado, não posso porque não a tenho. A moralidade não é isso, não é a capacidade que eu tenho de ser coerente com certas regras; é, sim, a disposição da minha pessoa diante do sol, da esposa, das montanhas, do olhar de Cristo. Alguém entre nós pode

29 Id., *ibid.*, p. 42.

30 Id., *ibid.*

levantar a mão e dizer que lhe falta algo para que ceda a esse olhar? Qualquer que seja a situação de dificuldade por que passe agora, precisa de alguma energia especial? Precisa simplesmente ceder.

Prossegue o texto, em que Dom Giussani cita João Paulo II³¹: “Existe um defeito moral, uma disposição, uma postura da pessoa que ainda não é adequada, que não se posiciona bem diante da grande questão que o Movimento veicula, como dizia Sua Santidade no famoso discurso de 29 de setembro – [...] ‘É significativo [...] como o Espírito, para continuar, com o homem de hoje, aquele diálogo iniciado por Deus em Cristo e realizado no decurso de toda a história cristã, tenha suscitado na Igreja contemporânea múltiplos movimentos eclesiais’. Um movimento é uma forma concreta na qual continua o diálogo iniciado com o homem por Cristo, na qual, por conseguinte, a presença de Cristo se faz viva, atuante, persuasiva, educativa, pedagógica e construtiva! É uma forma, e seu nome é carisma!”³²

Dom Giussani nos explica então o que é esse defeito moral, e este é o ponto decisivo: “Eu gostaria de definir esse defeito moral com uma palavra, uma indicação simples: é a ausência de memória. A dificuldade é a dificuldade da memória. Compreendam que a memória é o conteúdo da autoconsciência do eu cristão. Qual é o conteúdo da autoconsciência? É o seu eu, o seu *ego*: imagem, concepção, sentimento de si mesmo, consciência de si mesmo. O conteúdo da autoconsciência é o eu, naturalmente. E a memória é o conteúdo da autoconsciência do cristão. Quando São Paulo dizia ‘eu vivo, mas não eu, és Tu que vives em mim’, definia precisamente o conteúdo da autoconsciência nova”³³. Dito com outras palavras, com os termos que usamos antes: a memória é o conteúdo do olhar, ou seja, que eu tenha constantemente como conteúdo da minha consciência o olhar com que fui olhado. É o caso de Zaquêu: a identidade dele era autoconsciência daquele olhar.

E vejam só que coisa libertadora Dom Giussani acrescenta: “Seja como for, eu disse que essa dificuldade não é uma objeção, mas a

31 Trata-se do *Discurso ao movimento de “Comunhão e Libertação”, no trigésimo aniversário de sua fundação*, 29 de setembro de 1984, 3.

32 Giussani, L. *L’io rinasce...*, cit., pp. 42-43.

33 Id., *ibid.*, p. 43.

indicação de um caminho que teremos de percorrer”³⁴. E pensar que nós, quando vemos essa dificuldade, já começamos a nos alarmar, a nos escandalizar... Era justamente essa indicação de um caminho o que aquela pessoa, com o seu depoimento na Escola de Comunidade, assinalava a respeito do padre Aldo. Ela não a ouviu como uma objeção, não se sentiu repreendida; sentiu a ternura de alguém que lhe diz: “Se você fizer deste jeito, se começar a se olhar como Deus o olha, se der espaço a esse olhar, começará a ver que a vida é uma outra coisa”. Essa dificuldade não é uma objeção, mas a indicação de um caminho que teremos de percorrer, sendo companhia uns para os outros, para que não acabemos por dar crédito a qualquer ideia, exceto a esse olhar (por esvaziá-lo de toda a sua consistência).

A memória é uma coisa extremamente concreta, como nos ensina a Missa: “A respeito do que Cristo disse, pouco antes de morrer, naquele momento culminante, ‘faizei isto em memória de mim’, nosso comentário sempre foi: que significa ‘faizei isto’? O que é ‘isto’? Tudo! É como se tivesse dito: ‘Vivei em memória de mim, viver é a memória de mim’”³⁵. Pois quem se sentiu olhado uma vez como Zaquie gostaria que isso acontecesse sempre! Gostaria de ser sempre objeto desse olhar cheio de comoção! Por isso, amigos, viver é a memória d’Ele.

5. EXISTENCIALIDADE DA CONSCIÊNCIA DE PERTENCER

Mas em que consiste a ausência de memória? Para nos ajudar, com a ternura com que sempre nos abraça, Dom Giussani não descuida de nenhum detalhe: “Sendo assim, eu gostaria de esclarecer bem em que consiste essa ausência de memória, fazendo ao menos algumas observações, à espera de desenvolver o tema durante os Exercícios e, sobretudo, na confiança de que vocês o desenvolverão ao longo do trabalho deste ano. Há alguns anos, falei da ‘volta do burguesismo’. Chamamos de volta do burguesismo à resistência que existe entre nós ao fato de que a finalidade do meu eu vivo, da minha existência – portanto, o gosto, a utilidade da minha existência – é um Outro, é algo que não sou eu.

34 Id., *ibid.*

35 Id., *ibid.*

Nós temos uma analogia velada disso quando amamos: o gosto da vida, para um homem que ame sua esposa, é sua esposa e são seus filhos, o gosto e a utilidade de sua vida é algo que não é ele mesmo. Mas é uma analogia velada, pois isto de que estou falando é cem vezes mais intenso, aliás, totalmente mais intenso, e esse outro caso é uma espécie de sinal. O burguesismo é pertencer a si mesmo, como espero que vocês tenham lido (se ainda não o fizeram, espero que não deixem de fazê-lo com urgência) em *A consciência religiosa no homem moderno*, no qual dizemos que só existe uma alternativa: ou o homem pertence a si mesmo, pretende pertencer a si mesmo, ou pertence a um Outro. Na cultura moderna, o homem define pertencer como pertencer a si mesmo: 'Eu pertenço a mim'. Ou, como diziam os *slogans* das feministas, nas manifestações de 1970 a 1975: 'Eu sou minha!' Mas é impossível que o homem seja de si mesmo. De fato, como está escrito em *A consciência religiosa do homem moderno*, 'eu pertenço a mim mesmo' coincide inevitavelmente com 'eu pertenço ao poder, eu pertenço à força que está no poder', de tanto que é verdade que o homem é de um Outro!³⁶

Nós dizemos: eu sou Tu. Nessas duas expressões está contida a alternativa, a luta. Eu os desafio: quando foi que vocês foram mais vocês mesmos, senão no momento em que alguém os olhou como Cristo olhou para Zaqueu? É um problema de conhecimento, não de moralismo. É um problema de conhecimento: quando é que eu fui mais eu mesmo? Vocês podem examinar tudo, escutar toda a sua vida; se tiverem um minuto de lealdade, dirão quando foram mais vocês mesmos: quando fizeram o que bem entendiam ou quando esse olhar inconfundível se introduziu na sua vida?

E aqui podemos entender, como ouvimos ontem no testemunho da Marta, qual é a influência do poder sobre nós (é curioso que Giusani use a mesma palavra que Friedrich Nietzsche usava: a religiosidade burguesa). O que o poder faz conosco? Que influência tem sobre nós? Atrofia a nossa relação com Cristo, tornando-a sem incidência sobre a vida pessoal e social. O que leva a essa situação não é uma perseguição, mas um conformismo. Ninguém proíbe, mas tam-

36 Id., *ibid.*, pp. 44-45.

bém ninguém ousa viver plenamente sua dimensão religiosa como forma da vida inteira. Vivemos na sociedade como todo o mundo. A influência do poder pode ser vista no fato de que deixamos de desejar à altura da nossa humanidade, do nosso desejo do infinito: é uma redução do desejo do infinito. Não é que não sejamos religiosos, não é que não façamos certos gestos religiosos. Nietzsche não pensou nem por um instante que a religião tivesse acabado; quando falava da morte de Deus, o que punha em discussão era a capacidade da religião de mover a pessoa e de abrir a sua mente, de fazer renascer o eu. Logo, nós vemos que pertencemos ao poder por essa redução do eu realizada pelo poder: nós nos contentamos com um modo de estar juntos reduzido e muitas vezes não passa nem pela antecâmara do nosso cérebro que falte alguma coisa, de tanto que o poder nos assimilou, reduzindo-nos.

Realmente, Dom Giussani diz: “Para esta luta cotidiana contra a lógica do poder, para esta vitória cotidiana sobre o aparente e o efêmero, para afirmar essa presença constitutiva das coisas em seu destino, que é Cristo, que movimento pessoal é necessário! É a desforra da pessoa sobre a alienação do poder”³⁷. E acrescenta: “É preciso uma mudança. Essa mudança é ‘o’ trabalho de cada dia”³⁸. É exatamente aquilo a que o Papa chama “conversão”, ou seja, libertar-se dos esquemas mentais do poder, mudar a nossa mentalidade: “A mudança de si, como mudança de mentalidade (metanoia) e como mudança de afeição. É um trabalho”³⁹.

Podemos começar a entender, então, em que consiste a falta de moralidade em nós: “É, em primeiro lugar, uma ausência de existencialidade na consciência de pertencer [cada palavra desta frase é decisiva: uma ausência de existencialidade na consciência de pertencer]. Ou seja, [mesmo estando aqui] não é forte em nós o sentimento de pertencer a Cristo. Mas Cristo está no mistério da Igreja e o mistério da Igreja nos toca de modo persuasivo, pedagógico, construtivo por intermédio do Movimento [que é o terminal último da maneira como a Igreja nos toca]. O

37 Id., *ibid.*, p. 194.

38 Id., *ibid.*, p. 273.

39 Giussani, L. *Dal temperamento um metodo*. Milano: BUR, 2002, p. 331.

problema, então, é pertencer a essa coisa ultraefêmera que é o Movimento, a nossa companhia: não é a nossa companhia que vale, o que vale é o mistério da Igreja; e o mistério da Igreja é uma coisa quase ridícula em si, pois é Cristo que vale; no entanto, se pulamos uma passagem [o Movimento], censuramos a Cristo e fazemos prevalecer a nossa imagem, ou seja, nós mesmos, mais uma vez [logo, nos esquecemos de como fomos olhados]. Há uma ausência, ou melhor, uma grande fraqueza de existencialidade no sentimento de pertencer, na consciência de pertencer [é o que devemos entender, e Dom Giussani nos ajuda nisso]. Quando um de nós diz ‘eu’ [cada um pode tomar seu próprio caso como exemplo], nem no rabo do olho, nem na margem mais distante [da consciência] aparece a força de pertencer a algo diferente de si mesmo [como se Zaqueu dissesse “eu” sem que nem no rabo do olho, na margem mais distante, aparecesse aquele olhar que o surpreendeu em cima do sicômoro], algo cujo sinal físico, efêmero, é a nossa companhia, cujo sinal histórico é a Igreja, cuja realidade é Cristo! Ora, a consciência de pertencer-Te, ó Cristo, a consciência de que eu pertenço ao Teu corpo, que é a Igreja, a consciência de que pertenço a esta Tua graça [que vale mais que a vida] que é esta companhia, esta consciência de pertencer coincide com o supremo conceito moral do cristianismo, que se chama ‘conversão’⁴⁰.

É impressionante a pertinência dessas palavras. Passaram-se anos, mas nenhum de nós seria capaz de dizer melhor o que nos falta, ou seja, que esse defeito de memória é um defeito de consciência, de conhecimento. Dom Giussani dá exemplos para explicar isso: “Uma criança, quando se vê sozinha, olha ao redor toda assustada e começa a choramingar – quando não chora, berra, grita –; mas, assim que ouve a voz da sua mãe (ou do seu pai), corre para ela, se converte, *convertit*, volta para ela”⁴¹, e nesse momento o choro é como que abraçado. O choro é justamente o que põe a criança em relação com a mãe. Nós pensamos que qualquer ferida nossa é um obstáculo, mas, para a criança, é a oportunidade imediata de experimentar a companhia que a torna contente, verificando o bem que é a mãe para ela. Não é algo abstrato, é uma presença que, quando entra no horizonte da criança, a converte: acontece a libertação.

40 Giussani, L. *L’io rinasce...*, cit., pp. 45-46.

41 Id., *ibid.*, p. 46.

“Analogamente, a conversão é o reconhecimento de que ‘eu sou Tu’, de que eu Te pertencço, pertencço a essa realidade em que Tu estás, que existe porque Tu és [isso é uma companhia cristã não reduzida, a única companhia que nos liberta!]. Por isso, apesar de toda a fragilidade, da contingência, do efêmero da coisa, a conversão é justamente pertencer à nossa companhia enquanto lugar [atenção: lugar, não substituição, lugar!] da nossa relação com Cristo e com o mundo por intermédio de Cristo; a conversão é justamente essa consciência de pertencer. Todo o resto deriva daí, toda a maneira de nos comportarmos com as coisas, com as pessoas, com nós mesmos, todos os relacionamentos são gerados por esse sujeito. Percebam, então – vejo um de vocês que me inspira este exemplo –, que posso ter aprontado de tudo, mas, se agora, ‘agora’ – porque o que se impõe na vida, como espero que vocês estudem em *O senso religioso*, é o agora, todo o resto é nada, o agora ‘é, *nunc* –, se agora, na relação comigo mesmo, com você, com o mundo, nas circunstâncias, num grupo de pessoas que estão discutindo, com os amigos na escola, com o professor, diante de uma tentação grave (por exemplo, digamos muito banalmente, de roubar, ou qualquer outra coisa), se agora digo ‘não, não é justo, porque eu sou cristão’, esse testemunho que dou no presente, essa tomada de posição no presente (como dizia um de vocês, você diz aos seus amigos ‘eu sou cristão’, ou o diz, não usando uma frase, mas de fato: ‘Sou cristão’) é o gesto de pertencer: essa é a consciência de pertencer em ação, existencializada, essa é a existencialidade da memória”⁴². Não é automático, amigos, é uma tomada de posição, é uma decisão da liberdade (e poderíamos estar aqui sem que o fato de estarmos juntos nos desafie a tomar essa decisão): reconhecer a Quem pertencço agora. Mas nós podemos – é terrível! – reler estas páginas de uma forma já reduzida, falando mecanicamente da companhia, como se pudéssemos ser poupados dessa existencialidade da memória, como se eu fosse poupado dessa luta, desse meu movimento pessoal. Essa é a influência do poder, que me paralisa, atrofia o meu eu.

Eu posso estar na companhia (ou na Fraternidade, ou na casa, ou na comunidade) sem fazer nada, contrapondo o fato de estar na companhia

42 Id., *ibid.*, pp. 46-47.

ao trabalho que devo fazer, como se já estivesse tudo certo, e isso não me liberta. No entanto, eu, por minha livre iniciativa, posso retomar existencialmente a consciência que adquiri no encontro. Não que eu a gere por mim mesmo, ou deva imaginar o olhar que me alcançou, não! Esse olhar com que fui olhado nesta companhia torna a acontecer agora, no presente. Mas é preciso que eu me converta ao conteúdo da memória, que a memória se torne existencialmente presente agora. Este é o trabalho que deve ser feito: chama-se memória. E é a origem da libertação: “E essa moralidade fundamental liberta você, torna-o livre, livre do juízo acerca da sua capacidade (‘Mas o que farei amanhã? Eu não sou capaz!’). Você se liberta quando diz agora: ‘Seja lá como eu vier a ser, sou de Cristo, pertenço a esta realidade que é a Igreja, a esta realidade que é a minha companhia, sou desta companhia porque é o instrumento de Cristo’. Essa imagem fundamental de moralidade, como fato de pertencer que é reconhecido no instante, como tomada de posição no momento, liberta você de toda a análise do juízo sobre você ser capaz ou não: ‘O que eu sei é que sou desta realidade; capaz ou não capaz, é uma coisa que vamos ver’. E liberta você também do juízo de incoerência: ‘Fui incoerente até um segundo atrás’. Liberta-o do juízo acerca da sua capacidade e liberta-o do juízo acerca da sua incoerência, porque é no fato de pertencer que a sua incoerência poderá ser corrigida, diminuída, que a sua incapacidade pode se tornar capacidade no dia de amanhã”⁴³.

6. A VERDADEIRA COMPANHIA: CONTEMPORANEIDADE DE CRISTO

E o que é que nos tira desse burguesismo, desse conformismo, dessa redução do eu, ajudando-nos a vencer a resistência a pertencer a um Outro, ou seja, a nos converter? Não são os textos da Bíblia ou do carisma, não é uma lembrança que vivemos no passado, não é um cristianismo reduzido a regras: tudo isso não é capaz de tornar presente essa atração que nos permite mudar, de despertar a consciência de pertencer em que consiste a libertação. Nós nos encontramos aqui diante do autêntico desafio que nos ajuda a reconhecer qual é a verdadeira companhia. De fato, o que está em jogo é qual é a verdadeira natureza da companhia, a verda-

43 Id., *ibid.*, p. 47.

deira natureza da comunhão, do fato de estarmos juntos. Não é qualquer companhia que é verdadeira, mas tão somente aquela que torna presente o olhar com que Cristo olha para mim. Por isso, não basta ler os textos do passado. Até para ler os textos do passado, como a Bíblia, precisamos da tradição, pois a tradição é acontecer outra vez o início. Não basta um discurso, e por isso não são suficientes apenas os textos, não é suficiente apenas a lembrança, não basta dizer que alguém me disse ou que “Dom Giussani me disse”. Não basta! Lamento, mas não basta! E nós sabemos muito bem que não basta: nós vivemos graças a algo que está acontecendo agora, porque somente algo que está presente agora pode ser capaz de despertar o eu, e isso se chama “testemunho”. Nós estamos aqui porque encontramos alguém que nos tornou presente o olhar de Cristo, e isso nos fez entender o que aconteceu a Zaqueu. Esse é o valor do testemunho. O testemunho é tornar presente esse olhar. Como foi o caso do padre Aldo para aquela pessoa.

A verdadeira natureza da comunhão é que, graças a um juízo, graças a um testemunho, eu readquiro esse olhar no presente e sou libertado da sua redução: graças à comunhão, eu experimento a contemporaneidade de Cristo. Se não pudesse acontecer hoje a mesma experiência vivida por Zaqueu, obviamente num “como” diferente, se não pudessemos encontrar Giussani de um modo diferente hoje, que interesse teria Giussani para nós? Graças a esta comunhão, experimentamos a contemporaneidade de Cristo, continuamos a fazer a mesma experiência que fizemos com Dom Giussani. Cristo se torna presente agora, e eu sei que se torna presente agora porque me liberta da minha redução, do meu lamento: eu O experimento presente. Se Cristo não continua presente como no início – como Dom Giussani sempre nos ensinou –, continuamos sozinhos com os textos da Bíblia e as nossas mil interpretações, como os protestantes, até a hora em que ficarmos fartos.

Mas, de novo, diante dessa presença de Cristo agora, se apresenta outra vez o problema do início, o problema do conhecimento e da liberdade, que agem ao mesmo tempo. Como posso saber que Cristo continua, permanece, que o carisma permanece? Vejam o que diz Dom Giussani: “*Operatio sequitur esse*, dizem os filósofos (não os literatos, que não entendem nada, mas os filósofos!); *operatio sequitur*

esse: a presença de um ser é notada, experimentada pelo conteúdo, pelo fruto da sua operação, por aquilo que opera. A Sua presença é tornada visível, tangível e experimentável pelo fato de que muda a vida das pessoas que estão na comunidade, na companhia. Por isso, a agudeza com que é percebido o testemunho de um, de outro – mesmo daqueles que não são chefes –, a perspicácia com que é percebido o testemunho, mesmo furtivo, mesmo extremamente discreto, presente nas pessoas da comunidade, é o mais grandioso sinal da honestidade de que falávamos antes. Inversamente, não existe dentro da companhia sinal de desonestidade tão grande quanto notar em primeiro lugar os defeitos. *Similes cum similibus facillime congregantur*. A pessoa percebe aquilo que é semelhante a si mesma. Se predomina o mal em você, você se lamentará do mal; se em você predomina a busca da verdade, você descobrirá a verdade”⁴⁴. Que simplicidade é necessária, que perspicácia, que atenção, que disponibilidade é necessária para surpreender isso em ação! Não é que os defeitos não existam, mas que descoberta é saber que eles existem? Nós não estamos aqui porque somos perfeitos. A única novidade aqui é que exista alguém que testemunhe que Ele está presente, pois essa é a esperança também para os meus defeitos.

Então, quando você me diz que não O vê, você não está mentindo: mas não O vê porque o mal predomina em você; afinal, a liberdade atua no conhecimento. Alguém pode me dizer: “Não O vejo”. E eu posso responder: “Você tem toda a razão: não O vê”. Jesus não fazia milagres? No entanto, não O viam. Vocês se dão conta do drama, da luta intensa que se realiza? O problema não é com o “Carrón”, que é o chefe: a luta não é comigo, não se confundam, eu não interesso nada. A luta é com o que Deus faz por intermédio da realidade e das testemunhas. Essa luta se dá por toda parte, agora, hoje, no Movimento. Vemos hoje em ação a mesma luta descrita no Evangelho de São João: “Se não faço as obras do meu Pai, não acrediteis em mim. Mas, se eu as faço, mesmo que não queirais acreditar em mim, acreditai nas minhas obras, para que saibais e reconheçais que o Pai está em mim e eu no Pai”⁴⁵.

44 Giussani, L. *Uomini senza patria* (1982-1983). Milano: BUR, 2008, pp. 276-277.

45 Jo 10,37-38.

Por isso, se o início não torna a acontecer, ou seja, se não torna a acontecer o olhar de Cristo por intermédio da companhia verdadeira, e se não há o nosso reconhecimento (pois pode acontecer que não O reconheçamos), nós sucumbimos a viver a companhia como algo mecânico. Se a memória, a consciência de pertencer a Cristo não se torna essencial, nós vivemos a companhia mecanicamente: não a negamos, não negamos que lhe pertencemos, mas a consideramos algo óbvio, e assim a esvaziamos, achando que acontecerá mecanicamente.

Além de tudo, é impressionante ver que no desenvolvimento histórico da nossa companhia menos de dez anos depois de 1986 Dom Giussani teve de voltar à questão, para corrigir dramaticamente o Movimento, porque aquele modo de viver a companhia ia-se tornando uma utopia. E o que é a companhia como utopia? “Identificar a companhia como o âmbito que garante mecanicamente o gosto de viver”⁴⁶, que garante a libertação, sem que você tenha de se converter, sem que você tenha de fazer memória. E diz: “Em primeiro lugar, isso é [absolutamente] ingênuo! Não leva em conta a precariedade e a brevidade da companhia. Mas, além disso, os relacionamentos humanos só dão verdadeira segurança e gosto quando são o resultado de uma tensão dramática em que estão implicadas a inteligência e a liberdade do homem”. O que nos permite perceber que a companhia se torna uma utopia? “O fato de a pessoa depositar a sua esperança no automatismo desse fenômeno”: estou em casa, estou na Fraternidade, está tudo bem... tudo bem uma ova! A questão que verificamos é que isso não basta, porque não traz a libertação. Atenção, como eu conheço bem vocês, vou logo dizendo não é que Giussani, ao dizer isso, queira acabar com a companhia. De jeito nenhum! O que está em questão é um certo tipo de companhia. Ele diz: “Em última instância, um certo tipo de companhia simplesmente leva a fugir da responsabilidade [ou seja, a companhia que somos uns para os outros é verdadeira quando desperta a nossa responsabilidade, quando não nos leva a fugir da responsabilidade]. Dessa forma, fugimos da seriedade, da criatividade, da fecundidade da vida e da propensão ideal que definem o coração

46 Giussani, L. *Un caffè in compagnia. Conversazioni sul presente e sul destino*. Organizado por R. Farina. Milano: Rizzoli, 2004, p. 129.

do homem [em outras palavras, o coração se reduz; essa é a influência do poder, que reduz o coração do homem]. No fundo, esse mecanicismo de que eu falava há pouco [vejam como o define] é a imoralidade fundamental já descrita por Eliot, que leva a buscar a salvação numa imagem de companhia: ‘Amiúde tentam eles escapar/ À treva que no fundo os corrói e ao seu redor se alastra,/ Sonhando com sistemas tão perfeitos em que o bem seja de todo dispensável’⁴⁷. Tudo é perfeitamente organizado, nós temos tudo, até a companhia, e assim não precisamos mudar nada, ninguém precisa se converter. Mas isso – diz – é a “imoralidade fundamental”. “Que miséria seria a nossa companhia, se fosse determinada por um ato alienado, por um mecanicismo e por um automatismo nos relacionamentos! [...] A companhia cristã é o produto da dimensão verdadeira de um novo tipo de homem: aquele que nasceu do encontro com Cristo; o próprio São Paulo fala de uma ‘criatura nova’. Se por dimensão entendemos o modo de olhar para a realidade a partir da consciência que um homem tem de si mesmo, então a companhia entra na definição do eu, como medida do que existe, descoberto pelo coração novo. Não é uma questão de estarmos sozinhos ou em grupo”⁴⁸. É essa consciência que define o eu.

7. O DESEJO DE MUDANÇA

Agora entendemos o que Dom Giussani foi para nós, como ele lutou contra todas essas reduções e como nos testemunhou Cristo presente: com uma capacidade de persuasão, com uma intensidade, que nos fez sair dessa redução da companhia a utopia. Ele denunciou essa redução por caridade conosco, por ternura conosco. Mas nem mesmo a lembrança de Dom Giussani é suficiente, nem mesmo tê-lo ouvido, nem mesmo ler seus textos, sucumbindo às análises das interpretações. Só a contemporaneidade de Cristo – como naquela época – pode provocar a comoção que nos permite mudar. Dom Giussani dizia que não bastavam os Evangelhos; imaginem se bastariam seus textos! “Quando isso acontece, não é uma companhia

47 Id., *ibid.*, p. 130. O trecho de Eliot é dos “Coros de ‘A Rocha’”: Eliot, T. S. *Poesia*. Trad. Ivan Junqueira. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 186.

48 Giussani, L. *Un caffè in compagnia*, cit., p. 131.

cristã”, continua. “Há duas possibilidades: ou existe um mestre, um guia que a pessoa segue e que se torna educador desses sentimentos, ou tudo se arruína, tudo se divide e a companhia promove apenas o surgimento de um monte de grupinhos inúteis”. Um guia, tudo bem. Mas que guia? “Um educador”, diz sem titubear, e explica: “Um homem que viveu e vive a companhia da forma como dissemos até aqui pode apenas mostrar aos outros como ela nasce nele mesmo. Afinal, não definimos sempre a educação como comunicação de si?”⁴⁹ Esperemos que Deus nos dê sempre alguém que nos educa a isso; do contrário, tudo se destrói.

Essa contemporaneidade de Cristo, hoje, por meio de todas as coisas que acontecem entre nós, de todas as coisas que temos visto, é a confirmação da verdade do carisma. Dom Giussani continua presente, não apenas porque nós o lembramos. É exatamente igual à contemporaneidade de Cristo na Igreja, que confirma a verdade de Cristo. Mas Dom Giussani também nos oferece o sinal de que pertencemos autenticamente a esta companhia e de que esta companhia é autêntica. Qual é esse sinal? É quando a companhia desperta em nós o desejo de mudança, ou seja, quando faz exatamente o contrário daquilo que o poder realiza (que é nos tornar mecânicos, automáticos): “É impossível que uma pessoa diga ‘eu sou de Cristo, eu sou desta companhia, porque é instrumento de Cristo’, é impossível que reconheça que pertencer é sua substância sem que isso implique de alguma forma a aurora de um desejo e de uma vontade de mudança [a palavra mudança implica toda a existência humana]. Nada existe que não esteja em movimento: a palavra mudança implica toda a existência humana; a pessoa não existe, humanamente, a não ser enquanto muda!”⁵⁰ Sejamos leais conosco: quando foi que nos surpreendemos com esse desejo de mudança em nós mesmos (porque não pode ser que estejamos num lugar que seja verdadeiro e esse desejo não surja)? É claro que eu posso deter esse desejo, é claro que posso interrompê-lo tão logo tenha nascido, mas não posso evitar, diante da atração do belo, que ele apareça, ao lado do desejo de aderir.

49 Id., *ibid.*, p. 132.

50 Giussani, L. *L'io rinasce...*, cit., pp. 47-48.

Sem a contemporaneidade de Cristo, não existe uma esperança que sustente a vida: “A esperança precisa apoiar-se num fato presente. Que fato presente pode ser critério de juízo e fonte de segurança? Cristo, Cristo nossa esperança, presente, ou seja, a Igreja, ou seja, a nossa companhia, na medida em que é a nossa maneira de participar da Igreja e o sinal da presença de Cristo. Esse é o fato que permite enfrentar tudo, julgar e enfrentar tudo”⁵¹.

Qual é a dinâmica desse pertencer que é a nossa esperança? O fato de termos sido escolhidos. Devemos aceitar que fomos escolhidos. Essa é a estima Àquele a quem pertencemos. E, quanto mais aceitamos, mais aflora o desejo, o pedido, a mendicância. Estima e mendicância, moralidade e memória, desejo e pedido.

Dom Giussani conclui – e com isso também eu concluo – dando duas diretrizes operativas para aprofundar a existencialidade da consciência de pertencer.

A primeira diretriz é a luta pela estima, que ele divide em três partes: “A luta pela estima se realiza primeiramente quando pedimos, mendigamos, esmolamos pertencer a Cristo: isso se chama ‘oração’. A oração, se não é pedido, é intelectualismo ou sentimentalismo. A oração é o pedido de pertencer a Cristo por intermédio do instrumento histórico em que se deixou encontrar. [...] Em segundo lugar, a meditação. [...] Depois de tocado por Cristo, Zaqueu, quando estava em casa com sua esposa, com seus filhos, ou quando ‘negociava’ os impostos, como sempre fizera, porque vivia daquilo, comparava continuamente o que estava fazendo com aquele rosto que o olhava, com aquele horizonte novo de luz que se instaurara nele: isso é a meditação. [...] E, em terceiro lugar, o treinamento para não ter medo do sacrifício. Porque, pessoal, se eu estimo aquilo a que pertenço, se eu pertenço, isso significa que de alguma forma devo abandonar a mim mesmo: ‘Quem se perde se encontra’, ‘quem se perde por mim se encontra’, diz Jesus”⁵².

A segunda diretriz coincide com o exercício de julgar: “Isto é fundamental. Dizia Paul Bourget, um autor do final do século XIX, na conclusão de um romance: ‘O homem ou age como pensa ou acaba

51 Id., *ibid.*, pp. 50-51.

52 Id., *ibid.*, pp. 53-54.

por pensar como age. Portanto, no decorrer do tempo, [...] o problema é o juízo, o exercício do juízo”⁵³, ou seja, uma experiência completa, uma verificação total.

Se aceitamos converter-nos, podemos nos tornar um bem para os outros, para a Igreja e para a sociedade. Neste momento, em que buscam fazer um mundo sem Jesus – mas não o conseguem completamente, porque sempre existe alguma rachadura que indica que a tentativa não se sustenta –, a humanidade é carente, em sua ilimitada fraqueza mortal, e espera por um testemunho nosso. Na medida em que assumimos em nós o olhar diferente de Cristo e vivemos uma humanidade mais completa, podemos responder a esse grito da humanidade e do mundo de hoje. De fato, essa graça foi-nos dada para todos.

53 Id., *ibid.*, p. 55.

1º de setembro de 2010, quarta-feira, manhã

Estas canções descrevem o nosso drama melhor que qualquer outra coisa. “Quando se levantava de manhã, tudo lhe dava desgosto, a começar pela luz; até o café com leite.”⁵⁴ Podemos ter tido o encontro cristão, ter vivido uma experiência apaixonante, como a que vivemos com Dom Giussani, e mesmo assim nos levantar de manhã desgostosos com tudo: “Do céu, muitos presentes o Senhor lhe mandava; mas ele mal os olhava, aliás, às vezes até se lamentava”⁵⁵. Neste momento, em nós também, o lamento pode prevalecer como sentimento último que temos da vida e de nós mesmos. Só se olhamos sem medo para o nosso humano, para a nossa experiência humana, tal como é, é que nos podemos comover, como diz a canção *I Wonder*: “Enquanto caminho, debaixo do céu”, nesta situação que descrevemos, posso sentir toda a surpresa pelo fato de que “Jesus tenha vindo morrer por uma pobre gente faminta como eu e você”⁵⁶. Não há outra coisa que possa levar você a senti-Lo pertinente, agora, como o desgosto que você experimenta, como a incapacidade que tem de sair sozinho disso. Esse desgosto e esse lamento nos são dados para que possam ser a oportunidade para que cada um de nós entenda quem é Cristo, pois “nós não sabemos quem era”: se não torna a aconte-

54 Chieffo, C. *L'uomo cattivo*. In: *Il Libro dei Canti*. Milano: Jaca Book, 1976, p. 292. Diz a canção: “Era um homem mau, mas mau, mau de verdade, / e mesmo sendo tão mau, / o Senhor o salvou. // Quando se levantava de manhã, / tudo lhe dava desgosto, / a começar pela luz; / até o café com leite. // Mas um dia se perguntou quem era / que lhe dava a vida, / um dia se perguntou quem era que lhe dava o amor. / ‘Quem se importa com a vida, / quem se importa com o amor: / Ele repetia essas coisas, / mas machucavam seu coração. // Do céu, muitos presentes / o Senhor lhe mandava; / mas ele mal os olhava, / aliás, às vezes até se lamentava. // Mas um dia... // Depois, um dia viu uma criança / que lhe sorria / viu a cor das uvas / e sua avó que rezava. // E viu que era mau / e todo sujo de negro; / pôs a mão no coração / e chorou quase um dia inteiro. // E Deus o viu e sorriu; / tirou-lhe a sua dor, / e depois lhe deu ainda mais vida, / deu-lhe ainda mais amor. // Era um homem mau, / mas mau, mau de verdade, / e embora fosse tão mau, / o Senhor o salvou. // Lá, lá, lá...”

55 Id., *ibid.*

56 *I Wonder*. In: *Canti*, cit., p. 283. Diz a canção: “Enquanto caminho, debaixo do céu, me surpreendo de que Jesus tenha vindo morrer por uma pobre gente faminta como eu e você. Quando Maria deu à luz Jesus, foi num estábulo, rodeados pelos Reis Magos, pelos camponeses e por toda a gente; do alto do céu desceu a luz de uma estrela e lembrou a eles a promessa feita havia séculos. Se Jesus tivesse desejado qualquer coisa, a menor que fosse, uma estrela no céu ou um passarinho que voasse, ou que todos os anjos de Deus cantassem, poderia tê-lo, porque ele é o Rei”.

cer agora, não sabemos quem é Jesus agora. Mas, quando começamos a nos perguntar quem somos e quem nos dá a vida, ou seja, quando começamos a ter consciência de nós mesmos, começamos a perceber as coisas que acontecem: “Viu a cor das uvas” e “uma criança que lhe sorria”. E então “pôs a mão no coração e chorou quase um dia inteiro”. É isso que permite que o Senhor nos dê tudo: “E Deus o viu e sorriu; tirou-lhe a sua dor, e depois lhe deu ainda mais vida, deu-lhe ainda mais amor”⁵⁷.

Como acontece hoje esse drama? Quais são as características dessa luta? Diz-nos Dom Giussani: “A realidade não deve ser arquivada por já sabermos, por já termos tudo. Nós temos tudo, mas só compreendemos o que é esse tudo no choque, ou melhor, no encontro com as circunstâncias, com as pessoas, com os acontecimentos. Não é preciso arquivar nada, como eu disse antes, nem censurar, esquecer, renegar nada. O significado de tudo o que temos, da verdade que temos, que carregamos em nós [...], o significado desse ‘tudo’, nós o entendemos no juízo, enfrentando as coisas, portanto mediante o fato dos encontros e dos acontecimentos, mediante o encontro – identificando essa palavra com a relação com as pessoas – e nos acontecimentos”⁵⁸. No encontro com Cristo nós recebemos tudo, portanto. Isso nos é recordado por São Paulo com esta frase que acaba com todas as dúvidas: “O testemunho sobre Cristo se confirmou entre vós. Assim, não tendes falta de nenhum dom”⁵⁹; ele diz isso a um grupinho dos primeiros cristãos de Corinto. Não tendes falta de nenhum dom: recebestes tudo. Mas isso não significa que sejamos poupados da realidade, como fica claro nos desafios que somos chamados a enfrentar. Esse é o alcance da frase de Dom Giussani que citamos no ano passado e que agora podemos entender muito melhor: “As circunstâncias pelas quais Deus nos faz passar são fator essencial e não secundário da nossa vocação, da missão a que nos chama [as circunstâncias são decisivas porque nos chamam a tomar posição]. Se o cristianismo é anúncio do fato de que o Mistério se encarnou num homem, a circunstância em que a pessoa toma posição sobre isso, diante do mundo inteiro, é importante para a própria definição do testemunho”⁶⁰, ou seja, da nossa

57 Chieffo, C. *l'Uomo cattivo*, cit., p. 292.

58 Giussani, L. *L'io rinasce...*, cit., p. 55.

59 1Cor 1,6-7.

60 Giussani, L. *l'Uomo e il suo destino. In cammino*. Genova: Marietti, 1999, p. 63.

contribuição para o mundo nesta circunstância, neste momento da história. E como foi que a realidade nos desafiou este ano? Não é muito difícil reconhecer que o maior desafio da Igreja foi a questão da pedofilia. Nós vimos como o Papa o enfrentou (nem ele é poupado da realidade e do mal que nela aflora). Ao mesmo tempo, vimos a dificuldade que temos para entender qual é a relação entre pertencer e fazer um trabalho, entre a comunhão e a ação da liberdade que procura reconhecê-la, entre a comunhão e o trabalho que devemos fazer. Todas as dificuldades, as circunstâncias, as objeções e as perguntas que podem aparecer no nosso caminho são uma oportunidade preciosa, porque provocam e despertam a pergunta em nós de um modo ainda mais forte: como responder a tudo isto? O que é a conversão? O que é a comunhão? Onde podemos encontrar hoje os indícios da maneira como Deus nos olha?

O ponto de partida, portanto, é aceitar o desafio da realidade. Diante da pedofilia, o Papa poderia ter olhado para um outro lado. Da mesma forma, eu, diante da pergunta sobre a comunhão e o trabalho que devemos fazer, poderia ter olhado para um outro lado e ter-me poupado o esforço, tal como qualquer um de nós pode olhar para um outro lado. Mas isso não faz parte do meu DNA. Nós tomamos uma posição em decorrência de um juízo sobre a realidade, porque a realidade é a forma pela qual o Mistério me chama a responder. Quando olhamos para um outro lado, apesar de todas as nossas palavras sacrossantas, eliminamos o Mistério da história e reduzimos a provocação da realidade a problemas meramente organizativos. Muita gente achou que a questão da pedofilia poderia ser resolvida como um problema organizativo, sem aceitar o desafio que o Papa lançou quando disse que esse é o maior chamado que o Mistério nos faz à conversão. Por isso, amigos, a ferida que essas coisas nos provocam e as perguntas que fazem nascer em nós são decisivas para a maneira como lemos Dom Giussani e entendemos o seu carisma hoje. Se eu não tivesse enfrentado as questões e as perguntas abertas no presente, por meio do caminho deste ano, juro a vocês que não teria lido Dom Giussani com a mesma atenção (que ficou clara na palestra). Nós recebemos tudo do carisma, mas entendemos esse “tudo” no choque com os desafios da vida, com as circunstâncias. E eu sou grato por não ser poupado de nada, porque, sem todas essas coisas, eu não

entenderia Dom Giussani e não entenderia o que é Cristo. Vocês, façam o que acharem melhor.

Assim, a primeira escolha que fazemos já é decisiva: aceitar ou eliminar o chamado que o Mistério nos faz por intermédio da realidade, que adquire a forma de problemas, questões, objeções, perguntas. Não é uma visão, nem tampouco uma iluminação que me faz entender, mas é – primeira questão – o fato de me deixar ferir pela realidade tal como acontece, essa realidade que me move quando falo com vocês, que me dá uma atenção maior ao que vocês dizem e ao que leio. Foi o que aconteceu nestes dias: sem as contribuições de vocês, sem as suas palavras, sem os seus testemunhos, sem as suas reações, eu não poderia ter lido Dom Giussani com a mesma inteligência que ficou evidente na palestra. A questão, portanto, não é ter uma visão, mas pertencer a este lugar, com uma propensão a aprender e a entender o que Dom Giussani nos testemunhou.

Então, que experiência fizemos juntos? Procuremos enxergá-la, pois só na experiência se revelam todos os fatores em jogo. Nós, nestes dias – creio que nisto todos concordemos –, participamos de um acontecimento que nos fez entender melhor aquilo que recebemos de Dom Giussani, qual é o seu alcance, e isso não porque tenhamos feito uma análise mais aprofundada do texto ou uma discussão em torno de suas possíveis interpretações. Nada disso nos poderia ter dado a inteligência que vimos acontecer.

De onde foi que partimos? Partimos de um fato, de uma constatação: existe uma forma de estarmos juntos que não é comunhão cristã. E qual é o sinal mais evidente disso? Que não nos liberta, que não há libertação. Ou seja: não é Comunhão e Libertação. Dom Giussani nos disse que isso acontece por uma falta de memória, por uma falta de existencialidade na consciência de pertencer. Isso nos indica qual é a propensão que devemos ter, quando estamos juntos, para que possamos experimentar a libertação: “A questão não é apenas estarmos unidos, mas a implicação da nossa liberdade nessa unidade”⁶¹, a vibração com que a nossa liberdade entra em ação. Essa propensão não é um voluntarismo que busque produzir a libertação usando das suas próprias energias – todas as nossas tentativas são insuficientes, tanto assim que a libertação não chega –,

61 Giussani, L. *L'io rinasce...*, cit., p. 61.

mas é estarmos inclinados a reconhecer a presença de Cristo. Quando São Paulo diz: “Eu vivo, mas não eu, é Cristo que vive em mim”⁶², define exatamente o conteúdo da autoconsciência nova. Sem essa consciência nova, não há comunhão cristã, pois não deixamos entrar na nossa vida aquele olhar graças ao qual nos tornamos parte desta comunhão.

Qual foi a experiência que fizemos com Dom Giussani – refiro-me a quem teve a sorte de conhecê-lo pessoalmente e de conviver com ele – em tantas ocasiões? Ele nos testemunhou uma forma de estarmos juntos tendo essa propensão no íntimo: ele podia estar num almoço ou num gesto do Movimento ou brincando, mas era impossível uma pessoa estar com ele e não ser desafiada, desconcertada. Por quê? Por causa da propensão que ele vivia, porque era totalmente determinado por essa Presença que o constituía, que tinha invadido toda a sua vida, que o dominava desde quando era um padre recém-ordenado, como pudemos ver, pela carta a Angelo Majo: o Amor infinito e enorme que se curvara sobre o seu nada era o seu pensamento dominante. Dom Giussani nos testemunhou uma forma de estarmos juntos que pode ser realmente salvadora, ou seja, libertadora, levando a nossa comunhão a ser libertação. Seu reconhecimento de Cristo gerava um tipo de relacionamento que nos libertava, nos desafiava, nos desconcertava. O problema não é estarmos mais próximos ou menos próximos, não é uma questão de número de pessoas, de frequência dos nossos encontros, não é a multiplicação de encontros (mais reuniões ou mais jantares, dependendo dos diferentes gostos pessoais): o problema é a maneira diferente de estarmos juntos! É a diferença descrita ontem pelo padre Aldo entre a forma como estamos juntos em muitas ocasiões e o que ele vive com o Marcos e a Cleuza, com o Bracco, com Julián de la Morena. E, quanto mais a pessoa vive, mais percebe a diferença num relance. Não é preciso fazer um curso de observação, salta logo aos olhos!

Como é, então, que a experiência de Dom Giussani continua hoje? Os testemunhos destes dias nos levaram a entender isso de uma maneira ainda mais existencial. Em primeiro lugar, Dom Giussani não nos é restituído pela simples leitura dos textos, da mesma forma como Cristo

62 Gl 2,20.

não nos é restituído pela simples leitura da Bíblia. Dizia Johann Möhler (que Dom Giussani gostava tanto de citar): “Sem a Escritura, a forma própria das palavras de Jesus ser-nos-ia desconhecida; não saberíamos como o Filho do homem falava, e creio que eu não gostaria de continuar a viver se já não o ouvisse falar. Só que, sem a tradição [ou seja, se não torna a acontecer o início, se esse início não continua contemporâneo a nós], não saberíamos quem falava naquela época, nem o que anunciava, e [atenção!] a própria alegria que vem desse [Seu] modo de falar desapareceria”⁶³. É impressionante! Sem o acontecimento presente, a própria alegria que experimentamos com Dom Giussani desapareceria, desaparece: a libertação deixa de existir.

Padre Pino nos deu testemunho disso ontem: “Quando saiu o livro de Dom Giussani, do qual você [Carrón, *nde.*] extraiu a palestra, eu o li e me entusiasmei, e até cheguei a falar disso com você e com o Prades. Mas, quando você deu a palestra, aconteceu alguma coisa que não havia acontecido nem quando li, nem quando falei com vocês, e eu perguntei a mim mesmo: o que foi que aconteceu? Ontem, durante a palestra, tornou a acontecer aquela iniciativa inconfundível, que não pode ser interpretada como fato, e que foi comparada ao encontro de Cristo com Zaqueu: o eu inteiro – razão e afeição – foi tomado. Tenho a impressão de que na minha vida, na nossa vida, o termo da luta seja aquilo que vem antes, que não pode ser interpretado como fato, que não pode tornar a acontecer numa avalanche de interpretações, que é algo que vem antes de qualquer interpretação, justamente porque tem uma característica única: que o eu inteiro é tomado. Na experiência que eu fiz, fica evidente que o que me faz viver não é a simples lembrança de uma grande presença que desconcertou a minha vida (Dom Giussani). O que me faz viver também não é o diálogo para interpretar. Toda a riqueza do passado só me pode ser restituída se acontece agora, num ponto preciso, a iniciativa de Cristo que muda a minha autoconsciência, que a desperta por inteiro em mim. ‘Eu vivo, mas não eu, és Tu que vives em mim.’ Por isso, estamos pondo em jogo a natureza do cristianismo exatamente agora. Mil leituras, mil discussões não fazem o acontecimento, mas, quando este se dá num ponto preciso, por intermédio do seu sim [do sim de Carrón,

63 Möhler, J. A. *Dell'unità della Chiesa*. Milano: Tipografia e Libreria Pirotta e C., 1850, p. 52.

nde.], isso leva a pessoa inteira a voltar a se mexer, põe em ação todo o meu desejo, toda a minha espera de Cristo”.

Esse conhecimento novo tem uma origem. Diz Giussani: “O conhecimento novo implica, por isso, uma relação de contemporaneidade com o acontecimento que o gera e continuamente o sustenta. Já que essa origem não é uma ideia, mas um lugar, uma realidade viva, o juízo novo só é possível numa relação contínua com essa realidade, com a companhia humana que prolonga, no tempo, o Acontecimento inicial: é essa companhia humana que propõe o ponto de vista cristão autêntico. O Acontecimento continua na história, e com ele permanece presente a origem do juízo novo. Quem privilegia as suas análises ou as suas deduções acabará por adotar os esquemas do mundo, que amanhã serão diferentes dos de hoje. Permanecer na posição de origem, em que o Acontecimento faz surgir o conhecimento novo, é a única possibilidade de uma pessoa se relacionar com a realidade sem preconceitos, segundo a totalidade dos fatores da realidade. Mas um juízo permanentemente aberto e sem preconceitos é tão impossível para o homem, se este contar apenas com suas forças, quanto é o único juízo que respeita e exalta o dinamismo da razão (que é abertura para a realidade segundo a totalidade de seus fatores)”⁶⁴. Só o acontecimento torna possível a verdadeira natureza da razão e, por isso, nos torna capazes de compreender. Não são simplesmente os textos, mas o acontecimento presente.

A simples lembrança também não nos restitui Dom Giussani, como dizia Prades: “Faz um ano que mudaram muito as minhas condições de trabalho, a forma dos relacionamentos. Passei por momentos de dificuldade, em que você se vê embrulhado e não consegue respirar. Tentei, então, tomar a iniciativa. E que iniciativa eu tomei? Em primeiro lugar, lembrei-me (a memória – como lemos – é um conteúdo de autoconsciência) de Dom Giussani, do que ele disse, do que eu li, do que ele me disse pessoalmente em algumas ocasiões, pois esse é um tesouro da minha vida e, se eu sentisse que esse relacionamento poderia desaparecer, estaria perdido. No entanto, eu, sozinho, não consigo garantir a vivacidade, a incidência desse tesouro; tanto assim, que, somente com a lem-

64 Giussani, L.; Alberto, S.; Prades, J. *Generare tracce nella storia del mondo*. Milano: Rizzoli, 1998, p. 75.

brança, não saio da dificuldade, ou seja, não experimento a libertação que experimentava com ele, porque não consigo torná-lo presente como era naquela época. Eu preciso de um ponto de comparação no presente. Por isso, a Escola de Comunidade e o diálogo com você foram decisivos para mim. E por que eu estou convencido disto? Por que é que essa comparação com um fator presente me convence? Porque me devolve o tesouro do passado, Dom Giussani. Se eu não pudesse perceber a razão e a afeição como Dom Giussani me ensinou, estaria acabado, mas, para vê-lo hoje, preciso de uma companhia presente que torne o passado vivo e o faça operante”.

Dom Giussani também não nos é restituído pelo fato de repetirmos as palavras “Comunhão” e “Libertação”, porque não são palavras, mas um evento. E isso se mostra no fato de que chega um momento – como vimos – em que já nem sabemos dizer como Deus nos olha, mesmo depois de ter experimentado o Seu olhar por intermédio de Dom Giussani; é como se tudo ficasse nebuloso.

Só algo que acontece agora – portanto, o “agora” é decisivo, dizia Dom Giussani – pode tornar presente uma experiência do passado. E esse é o valor do que vivemos juntos nestes dias. O que o torna presente para nós? Uma forma de estarmos juntos em que volta a acontecer a origem: é isso que tentamos fazer todas as vezes que estamos juntos. Que significa “dar espaço” a esse olhar com que somos olhados, que se revelou no encontro cristão por intermédio de Dom Giussani? Desde a primeira noite, desde a introdução até a palestra, passando pelos testemunhos e pelo modo como estamos juntos, tudo isso contribuiu para torná-Lo presente. Os nossos gestos, portanto, são paradigmáticos de como é preciso estarmos juntos para que o que vivemos seja comunhão cristã, para que traga a libertação, para que faça acontecer algo que nos liberta. Cada um de nós pode reconhecê-lo olhando para o que aconteceu nestes dias. Não é a multiplicação das reuniões ou dos jantares, mas é a diversidade: quer comamos, quer bebamos, somos do Senhor.

E como é que sabemos que é comunhão cristã? Porque Cristo se torna presente de uma forma tão poderosa, que é totalizante, dizia Prades: “A presença de Cristo na minha vida tem um reflexo inconfundível, e é o fato de ser totalizante. Reconheci Deus na minha vida porque Ele

me abriu por completo, deu-me a possibilidade de me abandonar totalmente. Muitas vezes, sentimos que os outros são invasivos. No entanto, essa experiência totalizante é a minha salvação, a minha felicidade. Fui envolvido por inteiro, chamado desde o profundo de mim mesmo, interessado por tudo. Essa é a pretensão totalizante: não como a de alguém que quer pegar alguma coisa, arrancar alguma coisa de mim, mas como a de alguém que me quer restituir tudo, muito além de qualquer medida minha. Por isso é totalizante. Ai de nós, se o Movimento deixasse de ser assim, porque já não seria divino, não seria dom do Espírito”. O sinal mais evidente da contemporaneidade de Cristo é que o eu é despertado na sua totalidade, o que me permite ter um entendimento novo das coisas, uma vontade de mudar, um desejo de aderir ao lugar que me salva; e nisso se demonstra a contemporaneidade de Cristo, porque só o divino salva o humano inteiro.

Diante dessa novidade, desse divino em ação, cada um pode ceder ou resistir, reconhecê-Lo ou até negar a Sua existência, como vimos no Evangelho do cego de nascença. Quando cedemos à presença de Cristo, experimentamos todos os sinais da comunhão cristã: a capacidade de enfrentar tudo sem censurar nada, a liberdade, a alegria, a paz, o interesse por tudo. Começamos a ver a cor das uvas e o sorriso da criança, como diz a canção. Tudo se torna sinal, tudo nos fala, toda a realidade nos é restituída com uma intensidade que antes não conhecíamos. Essa é a força de Cristo presente: é como se o núcleo duro do eu fosse destravado. Tantas e tantas vezes podemos viver agitados, fazer uma porção de coisas do raiar ao fim do dia e o centro do eu continua travado. E não é qualquer coisa que o destrava, como nós bem sabemos. Se não existe um acontecimento presente, o carisma de Dom Giussani se transforma numa recordação do passado (estariamos juntos apenas para um “amarcord”, ou seja, para uma evocação nostálgica do passado). Mas os discípulos de Emaús sempre estarão na história para mostrar, para gritar ao mundo inteiro a diferença entre o amarcord e o cristianismo: “Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, e nos explicava as Escrituras?”⁶⁵ O passado não tinha bastado a eles para mudar o pre-

65 Lc 24,32.

sente, nem pela recordação: “Nós esperávamos que ele fosse libertar Israel, mas, apesar de tudo isso, já faz três dias que todas essas coisas aconteceram!”⁶⁶ O passado, com toda a imponência do que tinham visto – e para eles tinha sido conhecer Jesus em pessoa! –, não bastava para torná-Lo presente, para desafiar as novas circunstâncias, para encher a vida de alegria, para enchê-la da Sua presença agora, tão presente como antes. É necessário o acontecimento presente. Quando acontece, entendemos o que significa a conversão, a que somos chamados. A conversão não é um moralismo: não sou eu que devo produzir alguma coisa, não; eu devo é ceder a esta Presença que me chama agora, devo aderir a esse sentimento de que meu coração arde, e reconhecer Quem o faz arder, ou seja, converter-me mais uma vez àquele Amor que se curva agora sobre o meu nada.

Nós sabemos muito bem que podemos resistir a isso e nos rebelar. Mas não nos devemos espantar com a resistência, pelo contrário; precisamos encará-la, pois essa resistência dá um testemunho ainda maior d’Ele: de fato, não resistimos ao nada, mas a algo presente, como nos disse padre Michele na homilia. O fato de Lhe resistirmos comprova que Ele está presente! Esta contemporaneidade nos permite ter, agora, a mesma experiência que tiveram João e André, magnetizados por Cristo enquanto falava: é Ele! E nos permite ver acontecer outra vez a mesma experiência que tivemos com Dom Giussani, de uma forma diferente, não “como” aquela experiência, mas “aquela” experiência, a ponto de podermos dizer: “Quem és Tu, ó Cristo, que preenche toda a minha ânfora, que me toma por inteiro?” E é isso que O torna presente, isso é o Movimento! E isso não elimina os amigos, a companhia; gera uma amizade completamente diferente, um tipo de relacionamento completamente diferente, uma afeição entre nós completamente diferente, finalmente verdadeira. É cedendo a Ele que é gerada a nossa unidade, a nossa comunhão. Como foi desde o início, quando, cedendo a Ele, cada um daqueles doze que Jesus chamou gerou a primeira comunhão cristã. Não haverá outra origem – nunca! – para uma comunhão cristã! Ou será que achamos que nós mesmos podemos

66 Lc 24,21.

gerá-la, chegando a um acordo entre nós ou mediante uma organização mais aguda ou uma estratégia particular?

Concluo retomando o testemunho da Rose, porque desmascarou uma última confusão, que consiste em reduzir o problema a uma questão comigo, ou seja, à relação com a minha pessoa (porque esse poderia ser o último pretexto para não enfrentarmos a verdadeira questão). O que foi que a Rose nos testemunhou? “Depois da morte de Dom Giussani, parecia que o meu mundo tinha acabado, e, quando o Carrón o substituiu, como eu confiava em Dom Giussani e obedecia, não tive problema nenhum; mas eu o via como um substituto, o novo chefe, e nada mais que isso. Depois, o Carrón foi a Uganda...” Poupou-lhes do resto, porque vocês sabem o que aconteceu. Ela viu o que aconteceu em seus jovens, algo do qual nem eu tinha me dado conta, de jeito nenhum. “Enquanto eu estava ali procurando as citações do Carrón, as anotações, eles já estavam um passo à frente. [...] Eu me perguntei: ‘Veja só, o mundo vai mudando e eu fico ali, procurando o que eles viram no Carrón, o que o Carrón fez... mas o Mistério muda quem quer, quando quer e por meio do que quer’. E então eu disse: ‘Agora eu também vou segui-los’, porque era bonito demais vê-los cantar. ‘Não quero mais ser deixada para trás.’” Ou seja, o verdadeiro desafio do Mistério não sou eu, é o que Ele faz. Por isso, vocês podem até pôr a minha pessoa em discussão – isso pouco me importa, não é problema meu, posso voltar para Madri hoje à noite –, mas esse é o último pretexto para não estar diante do verdadeiro desafio: aquilo que acontece. “Comecei a olhar para o Carrón, mas olhando para onde ele está olhando; deixei de olhá-lo como um chefe. Carrón voltou a Kampala e falou da contemporaneidade de Cristo. [...] Eu também olhei para ele quando falava; olhando para ele, vendo o que ele estava dizendo, olhando para onde Carrón estava olhando, eu mudava. É como se aquilo de que ele estava falando se tornasse uma coisa só comigo; o que ele estava olhando se tornava uma coisa só comigo, e isso me unia ao Carrón. [...] Agora, o meu olhar se fixa em onde o Carrón está olhando, e, enquanto olho para lá, enquanto fixo o meu olhar no ponto para onde ele está olhando,

torno-me uma coisa só com o que me une ao Carrón”. A luta não é comigo, é com Ele, que age no meio de nós.

“Os verdadeiros milagres aborrecem as pessoas”⁶⁷, diz Leif Enger. As pessoas têm medo dos milagres porque têm medo de serem mudadas. Mas essa é justamente a ternura do Mistério. Do que é que estamos com medo?

67 Enger, L. *La pace come un fiume*. Roma: Fazi Tascabili, 2002, p. 11.

<i>28 agosto 2010, sábado à noite</i>	
INTRODUÇÃO - JULIÁN CARRÓN	3
<i>29 agosto 2010, domingo à tarde</i>	
TESTEMUNHO - MARTA CARTABIA	11
<i>29 agosto 2010, domingo à noite</i>	
TESTEMUNHO - LUIGI GIUSSANI, DENIS, ROSE BUSINGYE	22
<i>30 agosto 2010, segunda-feira, manhã</i>	
PALESTRA - JULIÁN CARRÓN	28
<i>1 setembro 2010, quarta-feira, manhã</i>	
SÍNTESE - JULIÁN CARRÓN	51

